

NOVA
COSTA
e OIRO

Edição 55 * 01 de Maio de 2021 * Mensal * Gratuita
Director: Carlos Mesquita

Lagos:
Que nos trará o futuro?

A dificuldade de se prever o futuro



Em Maio de 2020, há rigorosamente um ano, publicámos na nossa revista uma aprofundada análise sócio-económica de Lagos e do nosso País. Recolhemos opiniões e «previsões» de cidadãos lacobrigenses que, infelizmente, se vieram a concretizar.

Passado um ano retomamos este tema e recorreremos, mais uma vez, à análise de cinco concidadãos: Miguel Velhinho (consultor e profissional de comunicação), João Pedro Jacinto (arquitecto e proprietário de um pequeno empreendimento turístico em Lagos), Patrícia Silva (empresária da restauração), Fábio Mateus (pescador) e Nuno Serafim (advogado e empresário da restauração).

Dos seus depoimentos depreende-se, de forma geral, um relativo pessimismo quanto ao futuro próximo, opiniões que eu acompanho e subscrevo.

Sendo a minha área de formação académica a Gestão, com especialização em Planeamento e Controlo de Gestão, aprendi na Universidade que as análises prospectivas, como as que nos propomos fazer nesta edição, assentam e baseiam-se em dados e em indicadores conjunturais que são objectivos no momento em que as elaboramos, mas que também, e acima e tudo, são dinâmicos. Por outras palavras: existe uma forte probabilidade de que um ou vários factores que neste momento são considerados «dados adquiridos» possam a vir de deixar de o ser num cenário ou numa projecção de curto prazo na qual nos baseamos (como escrevi na página 08).

Previsões e prognósticos? Não deixamos de recordar e de sorrir quando nos lembramos da resposta de um conhecido futebolista a um jornalista: «prognósticos só no fim do jogo». Vamos aguardar e ver como é que este vai acabar...

Carlos Mesquita

Na «Nova Costa de Oiro» não se utiliza a Reforma Ortográfica de 1990-2008, indevidamente chamada «Acordo Ortográfico».

Nesta edição:

Página 03 - A Perspectiva de...

«Lá vai água!», por **Carlos Medina Ribeiro**

Páginas 04 e 05 - Postais de Lagos

Foto-reportagem: Abril 2021

Páginas 08 a 19 - Tema de capa

Que nos trará o futuro?

* **Miguel Velhinho - Páginas 11 e 12**

* **João Pedro Jacinto - Páginas 12 a 14**

* **Patrícia Silva - Páginas 14 e 15**

* **Fábio Mateus - Páginas 16 a 18**

* **Nuno Serafim - Páginas 18 e 19**

Páginas 20 a 27 - Destaque

Uma evolução laboral não antecipada:

Trabalho à distância,

por **Beatriz Maio**

Páginas 32 a 37 - Gente da Nossa Terra/Lacobrigenses

Lagos e o Caminho-de-Ferro

uma relação centenária,

por **Artur de Jesus**

Páginas 38 e 39 - Ruas da Nossa Terra

Passar a ponte para o comboio

Página 42 - Clube das Comisquices

O biqueirão no mar é anchova na lata, por **Epicuro**

Página 43 - Aos Pais

Como vestir o bebé para passear ao ar livre esta Primavera,

por **Ana Custódio**

Página 44 - No Calendário: 01 de Maio

Dia do Trabalhador

Página 45 - Músicas - Damos-lhe música no **SPOTIFY**

A playlist da Nova Costa de Oiro de Maio de 2021

(Maio das flores e dos trabalhadores)

Páginas 46 e 47 - «Quando eu era Criança»

«Rua dos Moinhos»

O jogo da bola

por **José Francisco Rosa**

NOVA COSTA de OIRO



Ficha Técnica:

Director e Editor: Carlos Mesquita

Colaboradores nesta edição: Ana Custódio, Artur de Jesus, Beatriz Maio, Carlos Conceição, Carlos Medina Ribeiro, Cristina Taquelim, Marta Ferreira e José Francisco Rosa.

Proprietário: JL, Unipessoal, Lda/Carlos Conceição

Administração: Rua Dr. José Tello Queiróz, lote 14 . 1º E - 8600-707 - Lagos

Sede Social, Redacção e Editor:

Rua D. Xavier, nº 6 – 8600-754 Lagos - Telefone: 96 705 91 06 * 282 031 700

Capital Social da Empresa Proprietária:

JL. Unipessoal, Lda/Carlos Conceição com 100% do capital social

Na Internet em: <https://www.novacostadeoiro.com>

Correio electrónico: costa.oiro@gmail.com

A perspectiva de...

«Lá vai água!»



I — TODOS tivemos, ao longo da nossa vida escolar, professores de que nunca nos esquecemos e, no meu caso, um deles foi o Eng.^o Daniel Barbosa, meu conterrâneo, de quem fui aluno na cadeira de Economia no ano lectivo de 1969/70. Sucede que esse foi o último em que os cursos do IST tiveram a duração de seis anos, pelo que é possível que a cadeira tenha desaparecido, com a consequente dispensa de quem a ministrava. Isso não sei; mas o que sei é que já lá vai mais de meio século e parece que ainda o estou a ver: magro, descontraído, sorridente e sempre de boquilha (nessa época podia-se fumar em quase todo o lado!), dando-nos a entender, embora nunca o dissesse, que não reprovava ninguém. Além disso, era impossível estar nas suas aulas sem ter presente a alcunha que se lhe colara duas décadas atrás: “o Daniel das Farturas” — talvez porque, quando ministro (em 1947/48), tenha prometido “mundos e fundos”, quicá o famigerado “bacalhau a pataco” de que hoje ainda se fala.

À parte isso, e em termos de ensinamentos concretos, ficaram-me especialmente na memória as leis da oferta e da procura, com destaque para o que nós chamávamos jocosamente “a lógica da batata”, e que se explicava assim:

Se, num determinado ano agrícola, há escassez de batatas, a consequência ine-

vitável será a subida do seu preço; a isso seguir-se-á uma corrida à produção... que por sua vez levará a um excesso de oferta e a uma queda do preço; e por aí fora, numa sequência de “ondas”, como sucede em inúmeros outros casos, como as malfadadas “vagas” de Covid-19.

Quando a pandemia chegava a uma terra, decretavam-se restrições e confinamentos. Seguia-se a melhoria da situação e o consequente facilitismo, o que por sua vez originava novos casos... e novas restrições...

E é assim que já contamos com três “vagas” em menos de um ano (e reaceamos a chegada de uma quarta), em boa parte a crédito dos que desprezam as mais elementares regras de segurança sanitária, mas também das autoridades que, numas terras, “assobiam para o ar”, enquanto noutras até multam quem esteja a almoçar dentro do carro (!) — contribuindo (estes pelo ridículo do “zelo a mais” e aqueles pelo inaceitável “zelo a menos”) para o arrastar do inferno com que nos debatemos.

II — HÁ POUCO tempo, o nosso Ministro do Ambiente, falando da escassez de água no Algarve, declarou que o seu preço vai ter de subir. Mas se a sua ideia é que, por essa via, se obterá a redução do consumo, parece não ter tido em conta que, como poderia ter-lhe explicado o referido professor, há bens e serviços

cujos procura não é influenciada pelo preço (como é o caso da água nos consumos domésticos), havendo alguns que até se vendem tanto melhor quanto mais caros forem, como sucede com os artigos de luxo e de ostentação.

Mas o pior é que o Eng.^o Matos Fernandes mostra não estar a par de certas realidades do país, pois todos conhecemos quem mantenha relvados onde eles são de todo desaconselháveis (em regiões de clima mediterrânico, como o nosso — e, pior ainda, quando há árvores no meio deles), e depois os regue com parte dos aspersores apontados para os passeios (onde os munícipes-pagantes podem contemplar o seu “dinheiro-líquido” a escorrer para as sarjetas!) — para já não falar do caso delirante, a que há meses assisti, da rega em DIAS DE CHUVA!

De facto, enquanto não se atalharem absurdos como esses, que sentido faz ameaçarem-nos com aumentos do preço da água, ou fantasias de ricos como a dessalinização? Não acham que isso se assemelha a uma outra versão da “lógica-da-batata”?!
NOTA - Na foto da esquerda, vê-se a NOTIFICAÇÃO da PSP de Santarém, referida no texto. Na da direita, o presidente bielorrusso A. Lukashenka quando, em Maio de 2016, recebeu G. Berdimuhamedow, seu homólogo do Turcomenistão.

Carlos Medina Ribeiro

Postais de Lagos



A Baía de Lagos, vista da Avenida dos Descobrimentos (Abril 2021)



Meia-Praia, vista da Av. dos Descobrimentos (Abril 2021)



«Arribalé», Rua da Barroca (Abril 2021)



Rua Gil Eanes (Abril 2021)



Rua Gil Eanes (Abril 2021)

Foto-reportagem

Postais de Lagos



Ribeira de Bensafrim, vista da Avenida dos Descobrimentos (Abril 2021)



Armazém Regimental - Praça do Infante (Abril 2021)



Calçada portuguesa (Abril 2021)



Caixa EDP - Rua 25 de Abril (Abril 2021)



Rua Marreiros Netto (Abril 2021)



ESTAMOS AQUI PARA SI

**CONTINUAMOS ABERTOS
PARA CONSULTAS E TRATAMENTOS**

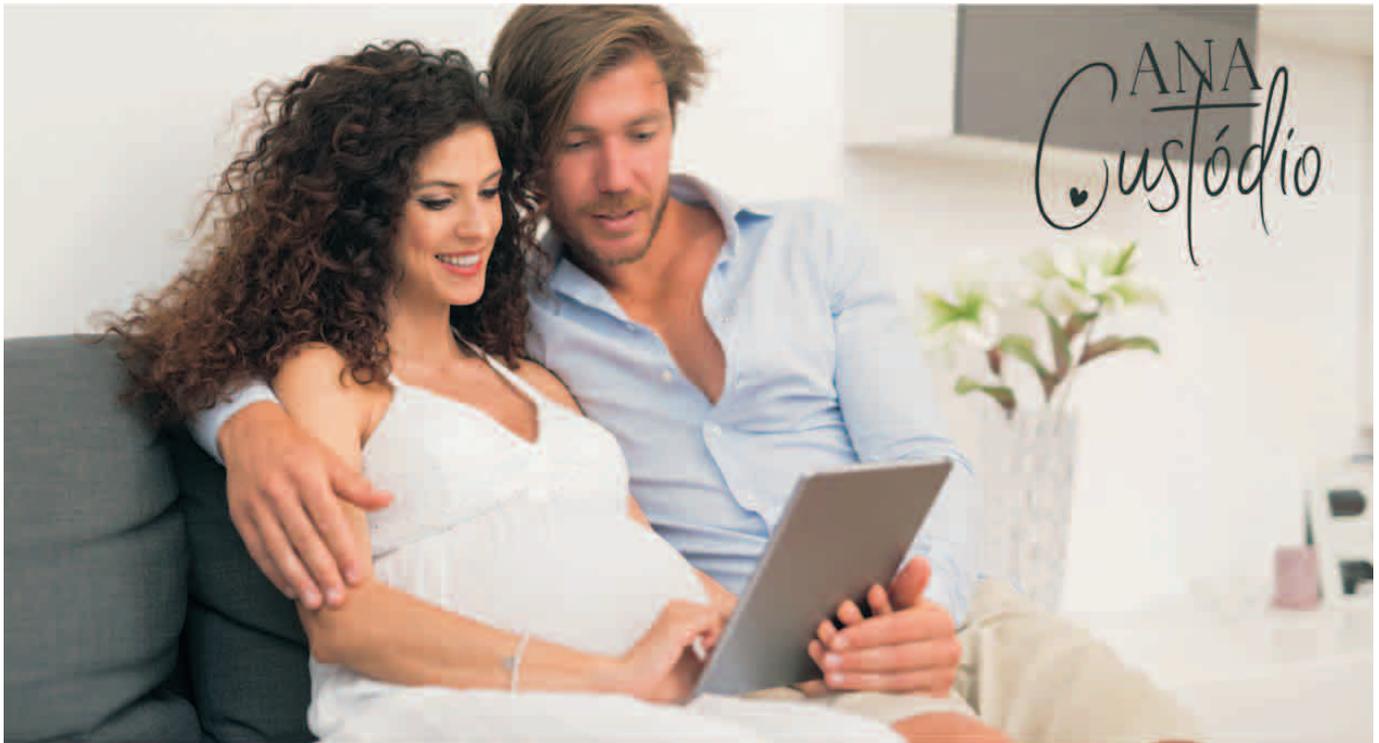
**HORÁRIO: DURANTE A SEMANA DAS 9h00 ÀS 19h00
SÁBADOS DAS 9h00 ÀS 13h00**

**FERIADOS DAS 09h00 ÀS 13h00
DOMINGOS E NOITES – MÉDICO E ENFERMEIRA DE CHAMADA**

**SEMPRE QUE POSSÍVEL CONTACTE 282 780 700 OU 919 869 700
ANTES DE SE DIRIGIR À CLÍNICA**

**Devido à pandemia, os serviços da Medilagos foram
temporariamente transferidos para a Luzdoc**

www.luzdoc.com



ACOMPANHAMENTO ONLINE

Gravidez, parto, amamentação e comunidade de apoio

Mais informações
AC@ANACUSTODIO.PT * whatsapp 962467868
ANACUSTODIO.PT



Que nos trará o futuro?



Na nossa edição de Maio de 2020, há rigorosamente um ano, escrevemos o seguinte nas nossas páginas: «**Em Lagos (e noutros destinos turísticos), onde antes havia muitos que reclamavam dos excessos provocados pela grande afluência de veraneantes, especialmente durante o período estival, hoje teme-se a falta de trabalho e de rendimento para milhares de pessoas.**

Nesta edição da Nova Costa de Oiro, procederemos a uma análise do impacto da pandemia nas empresas locais, através da recolha de depoimentos de lacobrigenses de vários sectores de actividade».

Há rigorosamente um ano, publicámos as opiniões de **Nuno Rocha**, lacobrigense, bancário, de **Miguel Velinho**, lacobrigense, fundador e CEO do Projecto Manhattan, profissional de comunicação que trabalha há 31 anos na indústria do marketing e da publicidade, de **João Pedro Jacinto**, lacobrigense desde os primeiros 4 dias, mas nascido em Faro,

arquitecto, empresário/proprietário de um pequeno aldeamento turístico de apartamentos turísticos em Lagos, de **Fábio Mateus**, natural de Burgau, autarca (presidente da Junta de Freguesia de Budens), pescador, de **Jaime Maximiano**, “algarvio” há quase há 50 anos, na área da restauração, de **Rui Catarino**, comerciante no ramo da ourivesaria (proprietário da Ourivesaria Coimbra) e do lacobrigense **Nuno Marques**, urbanista.

Em Maio de 2021 retomamos este tema e a nossa análise quanto ao impacto da Covid-19 na vida dos portugueses, dos algarvios e dos lacobrigenses, em particular, desta feita com os depoimentos de **Miguel Velinho**, de **João Pedro Jacinto**, de **Patrícia Silva**, de **Fábio Mateus** e de **Nuno Serafim**.

É importante realçar-se que as análises prospectivas, como as que nos propomos fazer nesta edição, assentam e baseiam-se em dados e em indicadores conjunturais que são objectivos no momento em que as elaboramos, mas que

também, e acima e tudo, são dinâmicos. Por outras palavras: existe uma forte probabilidade de que um ou vários factores que neste momento são considerados «dados adquiridos» possam a vir de deixar de o ser num cenário ou numa projecção de curto prazo na qual nos baseamos. Por exemplo, se se vier a efectuar brevemente a vacinação massiva da população portuguesa e europeia, nomeadamente nos países de onde são originários a larga maioria dos turistas que nos visitam (o chamado mercado emissor) e daí advir a consequente imunidade de grupo, existe uma elevada possibilidade de falharmos as nossas previsões. Por essa razão, «apenas», é elevado o risco de não se virem a concretizar não só as nossas projecções, bem com as dos que connosco aceitaram projectar o futuro próximo.

Então, o que sabemos, de facto, aquando do «fecho» desta edição da Nova Costa de Oiro, nos últimos dias de Abril de 2021?

Que nos trará o futuro?



Em artigo da autoria de Marta F. Reis, publicado no jornal *i* em 24/04/2021 pode ler-se que «Não há bolas de cristal e no que toca às projecções da pandemia a leitura continua a ser essa: são cenários do que pode acontecer, agora mais leves. Esta semana, o Centro Europeu de Prevenção e Controlo de Doenças (ECDC na sigla inglesa) lançou uma nova ferramenta, que passa a juntar numa mesma plataforma as projecções feitas por diferentes equipas de académicos, e criou um modelo que resulta da ponderação de todos os contributos. Às segundas-feiras, passarão a actualizar as projecções a quatro semanas e, por agora, os cenários parecem animadores para a maioria dos países europeus, incluindo Portugal, que a esta altura continua a ser o país da UE com menor incidência de casos».

Acrescenta que: «A análise do IHME (Instituto de Métricas e Avaliação em Saúde) tem em conta a disseminação da variante inglesa, o ritmo de vacinação e

que as pessoas vacinadas poderão começar a diminuir o uso de máscara 90 dias após completarem a vacinação (um critério que procura modelar que impacto terá uma menor utilização de máscaras nos próximos meses). Segundo o modelo, Portugal terá uma progressiva descida de casos nos próximos meses, que pode ser mais lenta em caso de aumento rápido da mobilidade, mas em que não se volta a uma subida significativa das infecções durante o verão. Segundo as projecções do IHME, se os contactos sociais se mantivessem com uma redução de cerca de 50% face ao que eram os valores pré-pandemia, o que em Portugal é cada vez menos a realidade, o país chegaria à segunda quinzena de maio com uma média de 130 casos diários. No pior cenário, assume-se que já só existe a essa altura uma redução de 35% na mobilidade típica pré-pandemia e, mesmo assim, a equipa de Washington projecta menos de 400 casos por dia. Em Junho os casos ficariam abaixo dos

100 diagnósticos por dia e em Julho seriam já na casa das dezenas — isto assumindo sempre que não se regressa totalmente à mobilidade pré-pandemia já este verão. Ou seja, não há uma projecção para o que pode acontecer se se retomarem todos os contactos e hábitos nos próximos tempos. Recorde-se que um modelo feito por investigadores portugueses e holandeses para a evolução da situação em Portugal estimou que com um desconfinamento ao nível de Outono, superior ao que se viveu no Verão, o país poderia ainda ter de lidar com uma nova vaga em Maio, não da dimensão da de Janeiro mas como a de Novembro — informações que combinadas permitem perceber o problema que se coloca nas próximas semanas».

Por seu turno, o Instituto Nacional de Estatísticas (INE) informa na sua síntese datada de 23 de Abril que a «Actividade turística acentuou contracção em Fevereiro»: «O sector do alojamento turístico registou, em Fevereiro de 2021,

Que nos trará o futuro?



208,2 mil hóspedes e 472,9 mil dormidas, o que corresponde a variações homólogas de -86,9% e -87,7%, respectivamente (-78,8% e -78,5% em Janeiro, pela mesma ordem).

Fevereiro foi o terceiro mês com maior redução homóloga do número de dormidas desde o início da pandemia, apenas ultrapassado por Abril e Maio de 2020 (-97,4% e -95,8%, respectivamente).

As dormidas de residentes diminuíram 74,8% (-61,0% em Janeiro) e as de não residentes recuaram 94,4% (-87,2% em Janeiro).

Por tipo de alojamento, a situação relativa às dormidas em Fevereiro de 2021, em termos homólogos, foi a seguinte: • Hotelaria: -89,7% (representou 70,1% do total de dormidas); • Estabelecimentos de alojamento local: -78,0% (25,6% do total); • Turismo no espaço rural e de habitação: -75,8% (4,4% do total).

Em comunicado de finais de Março deste ano, a Associação de Marcas de

Retailo e Restauração (AMRR) tornou público que «um ano depois, a organização que representa mais de 3500 lojas e restaurantes, continua à espera de mais apoios para os sectores, revelando que o universo de pessoas empregadas nos sectores é 22,7% inferior em Dezembro de 2020, quando comparado com Dezembro de 2019», tendo acrescentado que «82% das empresas que representa considera muito provável ou quase certo que venham a ter de reduzir ainda mais o número de trabalhadores, caso não sejam decididas medidas de apoio para fazer face ao novo encerramento das actividades».

O geógrafo João Ferrão, especialista em Geografia Humana e ex-secretário de Estado do Ordenamento do Território e das Cidades em declarações prestadas à LUSA, afirmou que: «Uma parte dos edifícios restaurados para alojamento local poderá ficar disponível para arrendamento no pós-pandemia, porque o conceito de turismo de massas deverá mu-

dar e Portugal não terá tantos turistas como no passado».

«O turismo, a partir de certa altura, se é demasiado intenso, se começa a aumentar os preços, se começa a expulsar as pessoas que lá vivem, é mais negativo do que positivo. Portanto, este contexto em que nós vivemos parou ou suspendeu esse processo e devíamos aprender com isso».

«O alojamento local hoje está numa grande crise, porque não há turismo. Quando o turismo voltar, parte desse alojamento local vai outra vez ser ocupado. Mas será uma parte ou todo? Essa é a grande dúvida». E acrescentou: «Se nós voltarmos outra vez para o extremo do 'muito turismo', mais tarde ou mais cedo, numa outra situação idêntica à que nós vivemos agora, vamos ter outra vez o problema de o turismo desaparecer de um dia para o outro e haver uma nova crise», apontou, acrescentando que «o repovoar os centros das cidades é um factor fundamental».

Que nos trará o futuro?



Miguel Velinho é lacobrigense, fundador e CEO do Projecto Manhattan

Miguel Velinho é lacobrigense, fundador e CEO do Projecto Manhattan. É profissional de comunicação que trabalha há 31 anos na indústria do marketing e da publicidade.

Em Maio de 2020 disse-nos o seguinte: «Uma das actividades que desenvolvo em permanência desde que trabalho em estratégia de marketing é a análise de tendências de mercado e o modo como estas afectam o comportamento das pessoas em geral. Perceber e antever o futuro, numa óptica de consumo é a minha matéria para desenvolver estratégia de marketing e de comunicação para as marcas».

Passado um ano deste seu depoimento para a Nova Costa de Oiro inquirimos-lhe **quais os efeitos provocados pela Covid-19 não só na sua vida pes-**

soal, mas também na sua empresa, quando comparados com os vividos antes da pandemia?

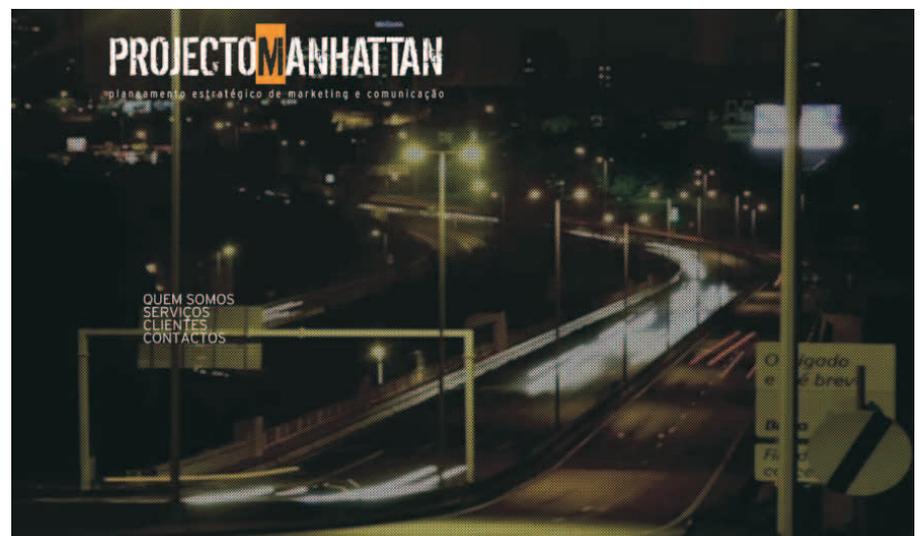
Eis a sua resposta: «Fui um daqueles cidadãos que respeitaram, o melhor que puderam, as regras impostas pelo governo e pela DGS (muitas vezes achando-as absurdas) e portanto isso implicou uma alteração substancial do meu estilo de vida. A socialização ficou quase reduzida a zero (mesmo entre familiares mais próximos) e a verdade é que ninguém, em termos de familiares directos, foi até hoje infectado. Esperemos que assim continue, pelo menos até estarmos todos vacinados.

Do ponto de vista profissional vivi duas realidades distintas porque tenho empresas em áreas distintas:

No Projecto Manhattan, onde me dedico a desenvolver estratégia de marketing e comunicação o impacto da pandemia foi praticamente nulo. Continuei a desenvolver o mesmo tipo de projectos que desenvolvia no passado e a “zoomificação” do trabalho até facilitou a produtividade.

Na minha empresa gestora de alojamentos locais (no Algarve) o impacto foi tremendamente negativo, com perdas assinaláveis de negócio (a rondar os 90%)».

Em relação ao texto de Maio de 2020 publicado na Nova Costa de Oiro, que balanço faz da sua análise de então, com o que aconteceu efectivamente



O «Projecto Manhattan» é uma central de planeamento estratégico

Que nos trará o futuro?

nestes 12 últimos meses? O que antevia, concretizou-se?

«A maioria das minhas previsões concretizou-se, infelizmente.

Mais do que fazer o post mortem daquilo que antevi há um ano, agora é altura de perceber o que correu mal, o que correu bem, e ajustar os nossos negócios e as nossas vidas para o que temos pela frente, tendo em conta que as ajudas estatais, a curto-médio prazo, serão pouco expressivas».

Como pensa que será o próximo ano em Lagos (em especial, o Verão) e até ao final do ano, não só a nível económico, empresarial, mas também social? E porquê?

«Não vejo a coisa de uma forma muito positiva, para ser sincero. Por várias razões.

A recuperação económica da região Algarvia em particular (que pelas suas características foi a região do país mais afectada pela pandemia - apesar de não ter tido, em 2020, um número expressi-

vo de infectados quando comparado com outras regiões do país) não irá acontecer em 2021.

O facto do Algarve estar economicamente alicerçado no turismo torna difícil uma recuperação rápida tendo em conta que a pandemia está longe de ser controlada na Europa (no momento em que escrevo assiste-se a um aumento exponencial de casos no espaço Europeu). O mesmo acontecerá em países com forte dependência do Turismo - Grécia, Itália e Espanha partilharão do mesmo mal e por isso já começaram a desenvolver acções para atrair alguns mercados emissores (Grécia por exemplo está em saldos no mercado europeu).

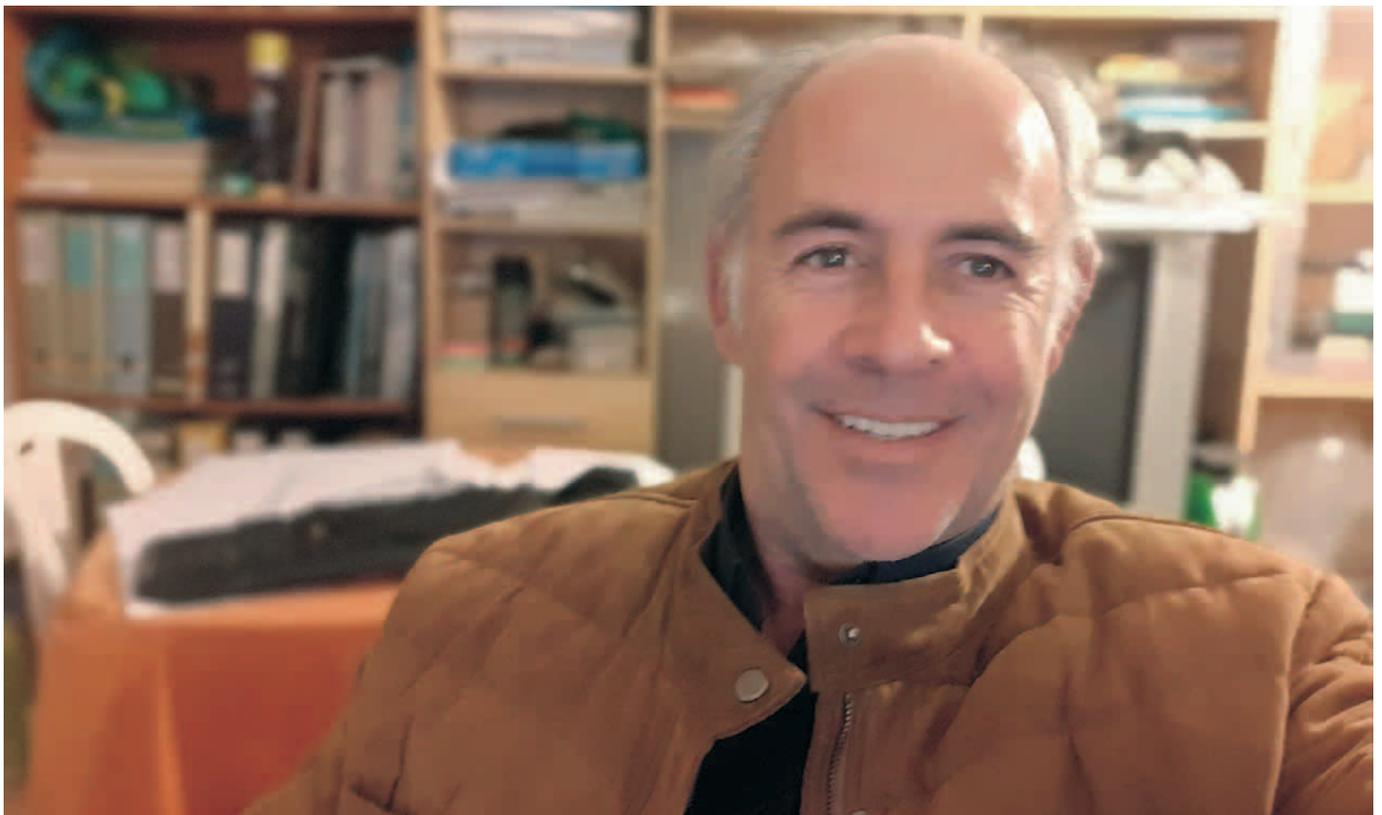
Muitos países emissores de turismo para o Algarve estão em pausa, evitando potenciais restrições fronteiriças. O governo britânico, por exemplo, recomenda que o turismo em 2021 seja feito exclusivamente dentro da Grã Bretanha para evitar novas vagas pandémicas (estamos a falar de um país que suposta-

mente atingiu a imunidade de grupo em Abril 2021).

Para agravar a situação algarvia, a "bazuca" europeia, que era suposto ter chegado em Maio 2021 (e já vinha tarde), foi novamente atrasada e corre o risco de só chegar no Outono, se chegar. Com as moratórias e os regimes de layoff a atingirem o seu prazo, vamos ter o turismo interno com menos dinheiro para gastar. E portanto ou evitarão fazê-lo de todo ou terão estadias mais curtas com menos orçamento. Antevejo que, à semelhança do que previ há um ano e que acabou por verificar-se, a sazonalidade do turismo voltará a concentrar-se entre 15.07 e 15.09.

Só o pacote de ajuda europeia poderá aliviar uma situação económica e social que poderá ser muito grave para o país e particularmente para a região do Algarve. Espero que chegue a tempo de salvar as empresas que sobreviveram até agora».

João Pedro Jacinto, é arquitecto inscrito na ordem dos arquitectos portugueses



João Pedro Jacinto é arquitecto e proprietário de um pequeno empreendimento turístico em Lagos

Que nos trará o futuro?



«Apartamentos Falfeira», em Lagos, de João Pedro Jacinto

nr. 5151 e cientista com publicação no boletim do Instituto Nacional de Propriedade Industrial sobre patente de aparelho para produção de electricidade em ambiente marinho a partir das ondas, autor da patente nacional nº 105549, também gestor e proprietário de pequeno empreendimento turístico e um multi-premiado velejador durante a primeira década deste século. Nasceu em Faro e vive em Lagos desde os 4 dias de idade.

«Fui reler a minha previsão feita no ano passado e, infelizmente, acertei em tudo: digo infelizmente porque era uma previsão de um quadro feio que se veio a confirmar. Desejava e quase rezava para estar errado, o que faria se fosse religioso. A única coisa que não previ foi que a directora da DGS se mantivesse tanto tempo no cargo apesar dos constantes e sucessivos falhanços. Numa empresa quando alguém falha gravemente é substituído por outra pessoa que tenha mais competências ou que pelo menos não tenha demonstrado a incapacidade revelada pela Graça Freitas para o cargo.

Tinha calculado que iríamos ter um grande número de mortes antes do Natal mas essas só vieram a acontecer em Janeiro deste ano. Mas aconteceram

com uma dimensão ainda maior do que eu tivera calculado, fruto do acumular de factores, em que o principal foi a abertura das escolas, que espalharam os contágios pelo país inteiro e depois foi catalizado pelas festas do final de ano e pelo relaxar das precauções e das medidas tomadas pelos cidadãos.

As pessoas deixaram de acreditar nas recomendações da DGS, em grande parte, na sua grande maioria mesmo, por culpa da própria DGS e do governo. Pois têm tido uma gestão que nem sequer se pode classificar de sofrível ou má, é de facto muito má mesmo. As diversas e contínuas contradições dadas à população só podiam resultar em descrédito e com o descrédito não se pode esperar que um povo siga as recomendações da DGS... vou relembrar apenas as mais importantes.

Todos sabemos agora a importância das máscaras, mas muitos de nós ainda se lembram dos meses e meses em que a DGS nos repetia pela casa adentro através das televisões que a máscara era uma FALSA SEGURANÇA. Isso foi-nos repetido durante meses. Foram meses perdidos a dar má formação e má informação. Não seria pois de esperar, que após isso os portugueses aderissem ao

uso maciço das máscaras como se impunha e como era mote em toda a Ásia...

Depois foram as orientações para o final de ano.. era proibido, não era proibido... foi uma dança de indecisões, com a cereja a ser dada pelo substituto da Graça Freitas quando recomendou a troca de presentes no vão de escadas... ridículo, demasiado mau para se poder esquecer.

O cúmulo para mim foi a incapacidade de ver o óbvio sobre as escolas e insistir sempre na abertura dessas (devido ao falhanço na entrega dos computadores prometidos).

E mesmo agora, as medidas tomadas para os cafés e restaurantes... porquê 4 pessoas por mesa? em que se basearam? Não foi no passado Verão, que funcionou bem até, devido às escolas terem estado fechadas... Foi no quê então? Tanto detalhe que podia ter sido melhorado face ao Verão e que permitiria termos mantido a economia a funcionar... a meio gás mas a funcionar.

Em vez disso insistiu-se no erro de abrir as escolas e de as manter abertas.. mesmo depois de fechar a economia e até que a evidência nos rebentou nas trombas como se levássemos com uma porta de ferro fundido na cara. Que foi o FACTO de, mesmo com a economia fechada e as escolas abertas o número de infecções não ter baixado....

E só baixou quando encerraram as escolas: há aqui uma relação causa-efeito que é tão evidente e tão óbvia que não consigo entender como podem ainda haver pessoas a insistir nas aulas presenciais...

Foram 4 meses desde a abertura das escolas até ao descalabro de Janeiro... Agora irá fazer 4 meses desde esta nova reabertura até ao final de Julho: ou seja, mesmas acções, mesmos resultados. E teremos de novo mortes elevadas no final de Julho ou meados de Agosto. A única atenuante aqui seria a vacina, mas a manter este ritmo nem teremos 30% da população vacinada em Agosto e com

Que nos trará o futuro?

uma percentagem tão baixa as novas infeções terão ainda muito caminho para seguir.

É mau demais. Por mais que prometam ou comprem enormes quantidades de vacinas, o facto é que elas vêm a conta gotas. E com isso este será mais um ano perdido.

Não houve um plano este tempo todo, foi só navegar à vista e como tal nunca nos afastamos da desgraça. Nem sequer as entidades foram capazes de elaborar um manual de procedimentos que servisse de guia às várias profissões. Meses e meses após e a DGS só sabe dizer; use máscara, mantenha a distância e lave as mãos... muito pouco para o que se podia ter feito.

Foram erros sobre erros que levaram perto de 16 mil mortes... Dessas pelo menos 10 mil eram evitáveis. Ou seja, mataram 10 mil pessoas por má gestão da pandemia. Sim era possível fazer muito melhor: Bastava saber analisar o ano passado e escolher as medidas que funcionaram e ao mesmo tempo evitar as que não funcionaram.

Nem a navegação à vista se salvou, pois mesmo assim encalharam repetidamente contra a costa. E não é apenas lamentar as mortes evitáveis. Temos a lamentar a economia destruída devido à falta de acção certa. O desemprego que ainda está no arranque e que será trágico no final deste ano 2021. Ou seja, os males de 2020 estão a ser agravados este ano devido a má governação.

É o preço que pagamos por termos colocados os boys nos postos de trabalho onde deviam estar pessoas de mérito. O sistema da cunha matou a meritocracia há muito e agora estamos a pagar o preço. 2020 não foi pior porque a sociedade substituiu o estado na reacção à pandemia, mas isso só pode acontecer por um breve período de tempo. Mais tarde ou mais cedo o leme volta ao estado e desde aí tem sido quase só desastres.

A grande excepção foi o entregar a coordenação das vacinas a uma estrutu-

ra militar. Desde que o Almirante tomou conta não houve mais Isildas Gomes a furar filas... mas é apenas a excepção infelizmente. Tudo o resto continua a saque.

Só não percebe quem não quer ver, ou quem está tão atolado em problemas que já nem respira bem.

E entretanto, como é ano de eleições autárquicas aparecem todas aquelas obras que faziam falta e até as que não faziam... a serem executadas por meia dúzia de empresas. Como dizia um amigo meu, deviam haver eleições todos os anos, só assim as obras seriam feitas com brevidade. Oxigénio para uns poucos.. é o queimar dos últimos cartuchos. Até quando? Não faço ideia, pois este povo é masoquista e é o maior cego, pois é aquele que não quer ver.

No ano passado perdi uns milhares de euros por ter o negócio de alojamen-

to aberto e não ter recorrido ao lay-off. Este ano vou recorrer a serviços em vez de empregos. Não posso gerar os empregos que gostava, pois a indecisão é certa e o turismo será muito pouco com toda a certeza. Mesmo que esteja errado sobre novo lock-down, mesmo que a nossa economia continue aberta este verão, os turistas serão apenas portugueses e desses muito poucos têm a folga financeira para ir de férias, ou seja, nem metade dos turistas teremos. Será um verão perdido para a maioria dos negócios. Ainda pior que o de 2020».

Patrícia Silva é natural de Lagos.

É Licenciada em informática e trabalhou vários anos na área técnica da comunicação social em diversos canais de televisão nacionais.

Regressou a Lagos em meados de 2005, tendo iniciado o seu projecto «Arte



Patrícia Silva, da «Arte dos Sabores»

Destaque

Que nos trará o futuro?



A «Arte dos Sabores» localiza-se na Rua 25 de Abril, em Lagos

dos Sabores», na área da restauração.

Instalou o seu estabelecimento «Arte dos Sabores» na Rua 25 de Abril, em Lagos. Este é um espaço de referência em termos de refeições ligeiras e o seu menu assenta em propostas de alimentação saudável, com uma forte componente de cafetaria.

«Em 2016, em conjunto com dois amigos, iniciei um novo projecto na área da restauração a que designamos “Santa Maria”, na Rua Silva Lopes em Lagos, que se dedica à área de restauração tipo Tex-Mex. Em 2017, com os mesmos

amigos, iniciei outro projecto a que designamos “Sal & Companhia”, na Rua Dr.º Joaquim Tello, em Lagos, com incidência em comida italiana e mediterrânica.

No fim de 2019 estávamos prontos para lançar um novo projecto, também na cidade de Lagos, fora da área da restauração. Contudo, o início da Pandemia em 2020 fez-nos suspender esse novo projecto e repensarmos a nossa própria organização.

A Pandemia teve efeitos devastadores na área da restauração, com especial incidência no centro histórico de La-

gos, o que nos obrigou a reduzir a nossa actividade, tendo optado em 2020 por manter encerrado um dos nossos estabelecimentos, o “Sal & Companhia”, devido a diminuição substancial da actividade derivada a redução do número de turistas.

Durante 2020 e 2021, procedemos a uma reorganização dos nossos estabelecimentos com vista à adequação dos mesmos aos condicionalismos da Pandemia por um lado e, por outro, ao redimensionamento da nossa actividade que independentemente da Pandemia sofrerá um decréscimo durante o ano de 2021 e 2022.

Esperamos a partir de Maio de 2021 ter todos os estabelecimentos a laborar de forma adequada e de braços abertos para receber em segurança quem nos visita e com vista a dar a provar o que de melhor fazemos.

2021 será um ano em que a actividade será inferior a 2020, estando condicionado pela forma como Portugal e os restantes países irão fazer face à Pandemia, por isso é complicado fazermos previsões sobre como irá ocorrer tanto o Verão como o resto do ano.

Em termos sociais, os efeitos na nossa região têm sido devastadores. No nosso caso, com bastante esforço, conseguimos manter todos os nossos trabalhadores em razão da gestão equilibrada da nossa empresa. Contudo, reconheço que na maior parte dos casos tem sido muito difícil manter sequer a actividade aberta.

Considero que a Pandemia fará obrigatoriamente com que tenhamos de rever a forma como as nossas empresas e empresários terão de enfrentar e organizar o seu futuro próximo e aqui o governo terá uma palavra importante a nível da implementação de novas políticas fiscais e administrativas mais flexíveis e adequadas a esta nova realidade.

Espero que corra tudo bem para todos e que Lagos supere estes novos desafios».

Que nos trará o futuro?



Fábio Mateus, de 31 anos, é natural de Burgau (Vila do Bispo) e pescador desde 2009

Fábio José Cerveira Mateus, de 31 anos, é natural de Burgau, 4ª geração de uma família de pescadores.

Concluiu o ensino secundário e tirou posteriormente as formações adequadas ao sector da pesca (escola FORMAR).

É pescador desde 2009, sendo actualmente proprietário de uma embarcação de pesca de cerco denominada «Flor de Burgau».

É presidente da Junta de Freguesia de Budens desde 2017, Secretário na Barlapesca (Organização de produtores de Sardinha) desde 2019 e Secretário da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Bispo desde 2020.

«Neste momento vivemos tempos muito difíceis devido ao surto do vírus que provoca a Covid-19, momentos em que todos os sectores estão a ser afectados profundamente.

A junta de Freguesia de Budens, em conjunto com todas as Juntas de Freguesia do concelho, tomou algumas medi-

das de apoio à população. Todos nós sabemos que as juntas de freguesia têm autonomia limitada, contudo fazemos aquilo que é possível para ajudar aqueles que mais precisam. Participámos no lançamento de programas de apoio à população de risco, levando às suas casas bens alimentares de primeira necessidade e medicamentos. Em conjunto com a Santa casa da Misericórdia e com a Câmara Municipal conseguimos ainda levar cabazes com alimentos para aqueles que mais precisam. Neste momento estamos a fazer o transporte da população a vacinação no centro de Saúde de Vila do Bispo, o apoio a comunidade continua nestes momentos difíceis que todos nos atravessamos.

Na pesca, estamos também a atravessar dificuldades. O arrastar de algumas debilidades do sector acentua-se nesta crise, primeiramente devido à idade das embarcações que, por ser excessiva, não permite uma adaptação eficiente da pes-

ca. As condições de trabalho, em termos de higiene e segurança, são poucas, sendo que com as normas impostas pela DGS quase nenhuma embarcação está a pescar de forma adequada.

No que diz respeito ao pescado, as embarcações têm ido ao mar e têm conseguido trazer peixe para a lota. Todavia, o preço do peixe também baixou, mas neste momento com as quantidades reduzidas de capturas devidos as condições do tempo o preço do peixe tem se mantido em valores normais, as espécies como o carapau, cavala, polvo, e tamboril tem sido as espécies que tem aparecido mais em lota e que o valor tem se mantido.

Penso que tempos ainda mais difíceis se avizinham. Tudo vai depender da forma como vai decorrer o período de vacinação, as consequências vão ser muitas. Todos os sectores estão ligados ao turismo e se não tivermos turismo vamos ficar muito afectados.

Que nos trará o futuro?



«Flor de Burgau», de Fábio Mateus, ruma ao Porto de Lagos

Estamos bem próximos do Verão, esse mesmo período em que muitas pessoas estavam empregadas e que futuramente podem não estar. Mas não podemos baixar os braços, o pescador tem de continuar a pescar e o agricultor tem de continuar a cultivar.

Todos os sectores têm de começar a laborar segundo as medidas do Estado. Isto é muito importante, porque o que preocupa mais é o facto de que se as pessoas não laborarem, não será possível obter rendimentos, significando um crescendo de dificuldades para as quais temos de estar preparados sem um horizonte de certezas, do “quando” e “como” vai ficar tudo bem.

A pesca tem sido um sector que nunca parou e isso foi importantíssimo para toda a região do Algarve.

Consumimos muito pescado oriundo de outros Países e neste momento temos de voltar a consumir o que produzimos, o que capturamos, melhorar o con-



«Flor de Burgau» em plena actividade laboral

sumo interno. Nesse sentido devemos consumir aquilo que é nosso, aquilo que o nosso mar nos dá, contribuindo para gerar crescimento económico local.

Para além do facto nutricional, dado

que é importante manter as defesas em alta para enfrentar o vírus e o peixe do nosso mar é rico em vitaminas essenciais, pelas propriedades já reconhecidas.

A pesca tem de se adaptar, medidas

Que nos trará o futuro?

para que o preço do pescado não desvalorize em lota e que seja de um valor justo para o consumidor final e para a fonte, para quem o captura. Acima de tudo, preocupa-nos muito a pesca da sardinha neste momento, porque só vamos começar a pescar nos primeiros dias de Maio.

Num momento em que não sabemos se vão existir as festas dos santos que era nessas festividades em que os pescadores do cerco obtinham maior rendimento, era nesse período que o preço da sardinha aumentava, à semelhança de tudo na economia, uma espera que pode causar danos a muitas famílias. Esta preocupação com o desconhecido está a assombrar a pesca, uma actividade ancestral que já superou outras pandemias e inimigos invisíveis vê-se agora a braços com uma crise nova e diferente que acentua problemas antigos».

Nuno Serafim, nasceu em 1976, cresceu e vive em Lagos.

A nível profissional é licenciado em Direito e exerce advocacia desde 2004. É, igualmente, sócio de empresas da área da restauração no concelho.

Desde 2005 participa activamente a nível político e associativo.

Ocupou o cargo de deputado municipal e é actualmente vereador na Câmara Municipal de Lagos pelo PSD.

A nível associativo é presidente do Clube Artístico Lacobrigense, o mais antigo clube do concelho de Lagos (e um dos mais antigos do país), reconhecido baluarte na defesa das tradições culturais locais.

«O distanciamento que já ocorreu desde o início da pandemia, concede-nos uma visão mais crítica e informada dos efeitos desta crise.

Uma coisa devemos todos concordar, ninguém estava preparado para aquilo que vivemos no último ano.

Dito isto, hoje com a informação e conhecimento que acumulamos, devíamos enfrentar de forma diferente as consequências desta crise, contudo aparentemente não o temos conseguido fazer tanto a nível local como nacional.

Neste sentido tenho uma opinião bastante crítica à forma como o governo de António Costa tratou e trata a região do Algarve, que é a região mais afectada do país a nível socio-económico e, por outro lado, o executivo socialista liderado pelo Dr. Hugo Pereira que, infelizmente, ainda não percebeu da urgência que existe em criar políticas e programas municipais para as micro e pequenas empresas locais, que correm o risco de não sobreviver ao ano de 2021 ou apenas acumularem dívida.



Nuno Serafim, de 45 anos, é natural de Lagos. Licenciado em Direito é sócio de empresas da área da restauração

Que nos trará o futuro?



O NOX Club, na Rua Senhora da Graça, em Lagos, encontra-se encerrado desde Março de 2020

Considero que apenas por volta de 2023 (com optimismo) estaremos a par dos valores de 2019».

Como antevê o período de Verão que se avizinha e o até final de Dezembro próximo, não só a nível económico, empresarial, mas também social? E porquê?

«Penso que o ano de 2021 será ainda inferior ao de 2020, em virtude do desmantelamento sistemático que assistimos a nível do sector da aviação e turismo por um lado, por outro os diversos confinamentos sócio-económicos que assistimos ao longo do ano por todo o globo irão afectar o poder de compra dos mercados consumidores de turismo no Algarve o que resultará numa diminuição substancial do número de turistas e logo de receitas a nível dos sectores da restauração e turismo.

A nível empresarial, teremos de acompanhar a diminuição da receita com baixa sistemática da despesa e de cus-

tos de contexto que não estão adequados a esta nova realidade, sendo aqui o ponto onde o estado e o município poderão ter uma palavra a dizer no que aos apoios diz respeito.

A nível social estou bastante preocupado, tanto com a nossa região como com o nosso concelho, pois o nível do desemprego atingiu níveis preocupantes, o desemprego jovem é demasiado alto, o acesso à habitação é muito difícil dado os preços proibitivos para residentes.

Em suma, é muito difícil hoje viver em Lagos».

No seu *site*, a Câmara Municipal de Lagos sistematiza as Medidas de Apoio Económico e Social direccionada aos diferentes agentes económicos do concelho com vista a minimizar o impacto causado pela pandemia de Covid-19. Os interessados poderão esclarecer as suas dúvidas através do e-mail:

apoio.economico@cm-lagos.pt

O Programa LAGOS APOIA visa aju-

dar as famílias e a economia Local.

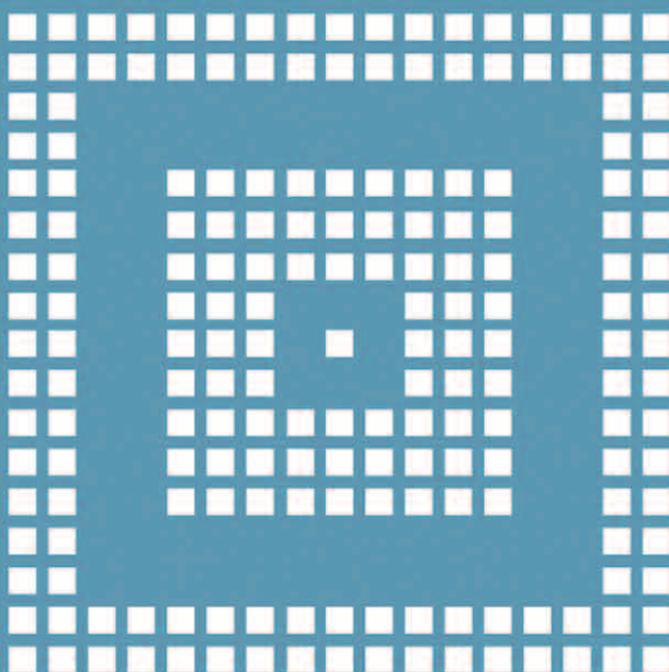
Foi criado com o «objectivo de minimizar os efeitos nocivos da crise pandémica no concelho de Lagos.

Isenções e reduções de taxas e tarifas, apoios na área da habitação, acção social, desporto, cultura, educação, solidariedade social, empresas, impostos e reforço das actividades de promoção são as grandes áreas beneficiárias destas medidas já aplicadas entre Abril e Dezembro de 2020, tendo sido renovadas até final de 2021».

As medidas deste Programa LAGOS APOIA podem ser lidas e consultadas no seguinte endereço electrónico:

<https://www.cm-lagos.pt/municipio/covid-19/257-medidas-de-apoio-social/7937-medidas-de-apoio-social-7937>

Afinal, que poderemos esperar do futuro próximo? Apenas que haja saúde para retomarmos a normalidade das nossas vidas, o mais brevemente possível.



Conte com confidencialidade.

Nos Censos contamos todos.
E todos podem contar com a proteção de dados
e total confidencialidade das respostas.
Que é como quem diz, todos contam.
Mas não contamos a ninguém.



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

CENSOS

 **2021**

Onde estão todos.

Os Censos 2021 estão aí!

Esteja atento à sua caixa de correio.

A partir de **05/04** vai receber uma carta com a
informação necessária para
responder em censos2021.ine.pt

A partir de **19/04**

Responda
pela Internet



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

CENSOS  **2021**
Onde estão todos.



HABITAZZA

MEDIAÇÃO IMOBILIÁRIA, LDA

- ANGARIAÇÃO E VENDA DE IMÓVEIS
- ARRENDAMENTOS - AVALIAÇÃO IMOBILIÁRIA
- GESTÃO DE PROPRIEDADES E CONDOMÍNIOS



COMPRE CASA COM HABITAZZA!

AVENIDA DOM SEBASTIÃO LOTE 129 · LOJA C

8600 - 502 LAGOS

LICENÇA AMI 18288



282 789 519



INFO@HABITAZZA.COM

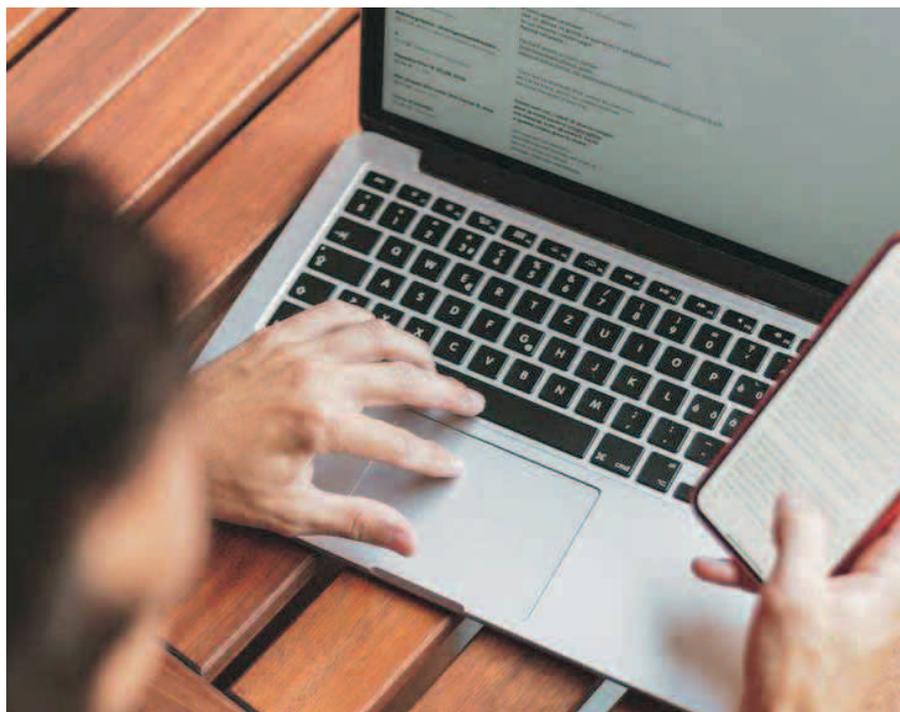
Uma evolução laboral não antecipada:

Trabalho à distância

Esta edição assinala o Dia do Trabalhador que se celebra a 1 de Maio. Esta é uma efeméride que remonta a 1886, ano em que se realizou uma greve em Chicago, cidade norte-americana, com o intuito de conquistar melhores condições laborais. O principal foco era a redução da carga horária diária para oito horas, quando, até à data, chegavam a ser dezasseite. A manifestação fora atribulada, marcada por confrontos policiais e resultando até em mortes e detenções de trabalhadores; uma verdadeira luta para esta classe, que vislumbrava já a mudança.

A iniciativa serve, até hoje, de inspiração, em inúmeros protestos em todo o mundo. Em Portugal continua-se a lutar por diversos direitos, alguns já consagrados, mas não cumpridos, e outros a consagrar na Constituição da República Portuguesa, sendo este um tema em constante actualização. Tem-se também vindo a assistir a alterações inimagináveis em diferentes profissões, o que se traduziu em novas preocupações por parte dos funcionários.

Inevitavelmente, a pandemia que se alastrou no mundo veio acompanhada de transformações a nível laboral que antes não existiam; apreensões consequentes do trabalho à distância, longe do local físico destinado à actividade. Vive-se uma evolução exponencial do uso de tecnologia, capaz de alterar a necessidade dos indivíduos trabalharem lado a lado. Devido aos riscos de contágio de um vírus universal, as empresas viram-se obrigadas à adaptação e criação de novas e inovadoras formas de trabalho. A saúde e protecção individual estiveram na base da criação do regime de teletrabalho, a Organização Mundial da Saúde (OMS) informou os países de que seria necessário impor medidas drásticas para lidar



com a emergência de saúde pública.

Visto que as restrições de confinamento resultaram em trabalho remoto por parte da maioria da população activa, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) disponibilizou um Guia prático *online* apelidado de: “Teletrabalho durante e depois da pandemia da COVID-19” (hiperligação disponível no final da Reportagem), com o objectivo de proporcionar recomendações de boas práticas neste novo regime laboral, tanto aos colaboradores como às empresas.

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, promulgou, no dia 29 de Março, o diploma do Governo que prorroga o teletrabalho até ao final do ano, a fim de diminuir a propagação do coronavírus. Na Página Oficial da Presidência da República Portuguesa pode ler-se «Atendendo aos motivos sanitários invocados, apesar das óbvias limitações que podem resultar para entidades colectivas

de trabalhadores e empresários, o Presidente da República promulgou o diploma do Governo que prorroga até 31 de Dezembro de 2021 o regime excepcional e transitório de reorganização do trabalho e de minimização de riscos de transmissão da infecção da doença Covid-19 no âmbito das relações laborais».

No Decreto-Lei consta ainda que: «O trabalhador em regime de teletrabalho tem os mesmos direitos e deveres dos demais trabalhadores, sem redução de retribuição, nos termos previstos no Código do Trabalho ou em instrumento de regulamentação colectiva aplicável, nomeadamente no que se refere a limites do período normal de trabalho e outras condições de trabalho, segurança e saúde no trabalho e reparação de danos emergentes de acidente de trabalho ou doença profissional, mantendo ainda o direito a receber o subsídio de refeição que já lhe fosse devido».

Destaque

Uma evolução laboral não antecipada:

Trabalho à distância

Assim, três profissionais de diversas áreas laborais dão o seu testemunho, de forma a partilhar como têm experienciado a situação, como lidam com esta nova realidade e que obstáculos surgem como consequência.

Bruno Duarte, Agente Financeiro

Lacobrigense de 25 anos, é licenciado em Relações Internacionais e está neste momento a terminar o Mestrado em Estudos Internacionais no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE). Interessa-se por Economia Internacional, História e Política; ler faz parte dos seus passatempos, assim como videojogos. Gosta de viajar, conhecer novos lugares e é adepto de Desporto.

Durante o período de Verão, e de regresso a casa, trabalhou em diversos restaurantes em Lagos. Em 2020, decidiu procurar um emprego em que fosse possível conciliar os estudos com uma experiência num ambiente laboral internacional. Candidatou-se ao BNP Paribas – um banco com alcance em todos os continentes, com presença em 75 países –, pela oportunidade de ingressar «num ambiente multicultural» onde tem a possibilidade de «interagir diariamente com colegas e clientes das mais diversas zonas do mundo».

Trabalhar a partir de casa era uma hipótese que Bruno previa para o futuro, devido ao avanço das tecnologias. Não esperava que fosse «desta forma tão radical», mas acreditava que poderia vir a

ocorrer cada vez com mais frequência. No entanto, acrescenta que «a pandemia veio mudar por completo a forma como trabalhamos». Há já um ano que está em regime de teletrabalho, mas sente-se como se já estivesse «há anos». Após o término do primeiro Estado de Emergência declarado pelo Governo, deslocou-se ao escritório apenas durante algumas semanas no Verão de 2020, contudo em horários distintos dos colegas para diminuir o risco de contágio do coronavírus.

«Todo o cuidado é pouco nesta pandemia»

Mesmo tendo sido cuidadoso com a saúde e ter respeitado sempre as normas de segurança, limitando as saídas de casa ao essencial, Bruno esteve infectado com



Uma evolução laboral não antecipada:

Trabalho à distância



Covid-19. O vírus foi-lhe transmitido por um membro da família que estava mais exposto ao contacto com os outros. Embora todos tenham recuperado na totalidade, não tendo sofrido problemas mais graves, este foi o momento que mais o marcou, servindo assim como alerta para os impactos que esta doença pode ter na saúde.

Antes do contexto pandémico nacional, o Agente Financeiro nunca pensou que o mercado português fosse sofrer esta drástica mudança, que classifica como «imediate». Previa que daqui a uma década ou mais, áreas que recorrem às tecnologias pudessem investir num regime

misto — conjugando trabalho presencial e à distância — ou totalmente remoto, agora defende que estará para breve em profissões que assim o permitam. Sente que «esta transformação aconteceu de uma forma demasiado rápida» e que prevalecerá no futuro, mesmo após o término da crise sanitária.

No seu caso, afirma que o Banco proporcionou o apoio requerido, assim como a tecnologia necessária para trabalhar a partir de casa. Outro aspecto que realça são as iniciativas promovidas, no sentido de salvaguardar o bem-estar, tanto físico como emocional, dos funcionários, algo que considera «muito importante»

tanto para a integração, como para os resultados obtidos.

«Nem tudo é fácil. Pessoalmente, a maior desvantagem é o facto de não estar junto dos colegas»

Mesmo com as tecnologias e a possibilidade de nos conectarmos através de inúmeros *websites* e aplicações, o distanciamento dos colegas de trabalho é sentido por todos. Bruno reconhece que as plataformas *Skype* e *Teams* ajudam na comunicação para as tarefas de trabalho, mas não substituem a partilha de momentos de convívio que, na sua óptica, fortalecem as relações entre os membros de uma equipa. Consta que «existe uma propensão para o desgaste dos trabalhadores neste regime», no sentido em que pode deixar de existir uma separação entre o espaço de casa e o espaço da entidade empregadora, que se confundem.

Esta é uma situação complexa para famílias numerosas que têm que conciliar trabalho remoto e funções profissionais com filhos em telescola, tudo no mesmo espaço. Algo que o Agente Financeiro acredita ser merecedor de compreensão por parte das empresas e por quem elabora as leis laborais, visto ser um desafio a adaptação entre o ambiente profissional e caseiro, o que «condiciona alguns aspectos do quotidiano» e pode “quebrar” a divisão entre o tempo de trabalho e de descanso, problema apontado por vários que experienciam este regime. Como Bruno é o único a trabalhar a partir de casa não passou pela necessidade de conciliar os seus horários ou espaço com quem vive.

«Estaria a mentir se não dissesse que estou a adorar»

No seu caso, como lacobrigense apreciador de passeios pela praia, tem

Destaque

Uma evolução laboral não antecipada:

Trabalho à distância

aproveitado para recuperar a proximidade com a natureza que Lagos oferece, sendo que desde 2015, ano em que ingressou no Ensino Superior, não passava tanto tempo ininterrupto em casa. Apesar de ter ambicionado experienciar a vida noutros locais, reconhece o ambiente agradável que agora presencia junto da família e a qualidade de vida que a cidade possibilita: «Seria impossível em Lisboa sair do trabalho às 18:00 horas e ainda ir à praia, algo que fiz com bastante regularidade no Verão passado». A tranquilidade que uma caminhada à beira-mar lhe transmite depois de um dia de trabalho stressante e o facto de não perder tempo em deslocações em transportes públicos são exemplos de vantagens de trabalhar a partir de casa.

Alcance de metas profissionais

O jovem acredita que, com o avanço da tecnologia e a ascensão de profissões digitais, tal como a sua, não existe uma diferença acentuada entre alcançar objectivos profissionais em regime presencial ou remoto. Embora pense que, na sua área profissional, as metas podem ser atingidas de igual forma, admite que poderá haver outras profissões onde se torne mais difícil, sendo a detecção de falhas e a sua correcção mais «rápida e eficiente» presencialmente, visto existir um contacto permanente entre colaboradores. Assim, apontou as tecnologias e a autonomia de cada um como factores fundamentais na progressão da carreira.

Inicialmente deparou-se com alguns obstáculos, sentiu-se apreensivo devido ao facto de ter sido contratado apenas em Fevereiro, pouco tempo antes de se suceder o surto de Covid-19. Estava ainda em formação profissional quando o alastramento dos casos activos não o permitiu concluir a mesma presencial-

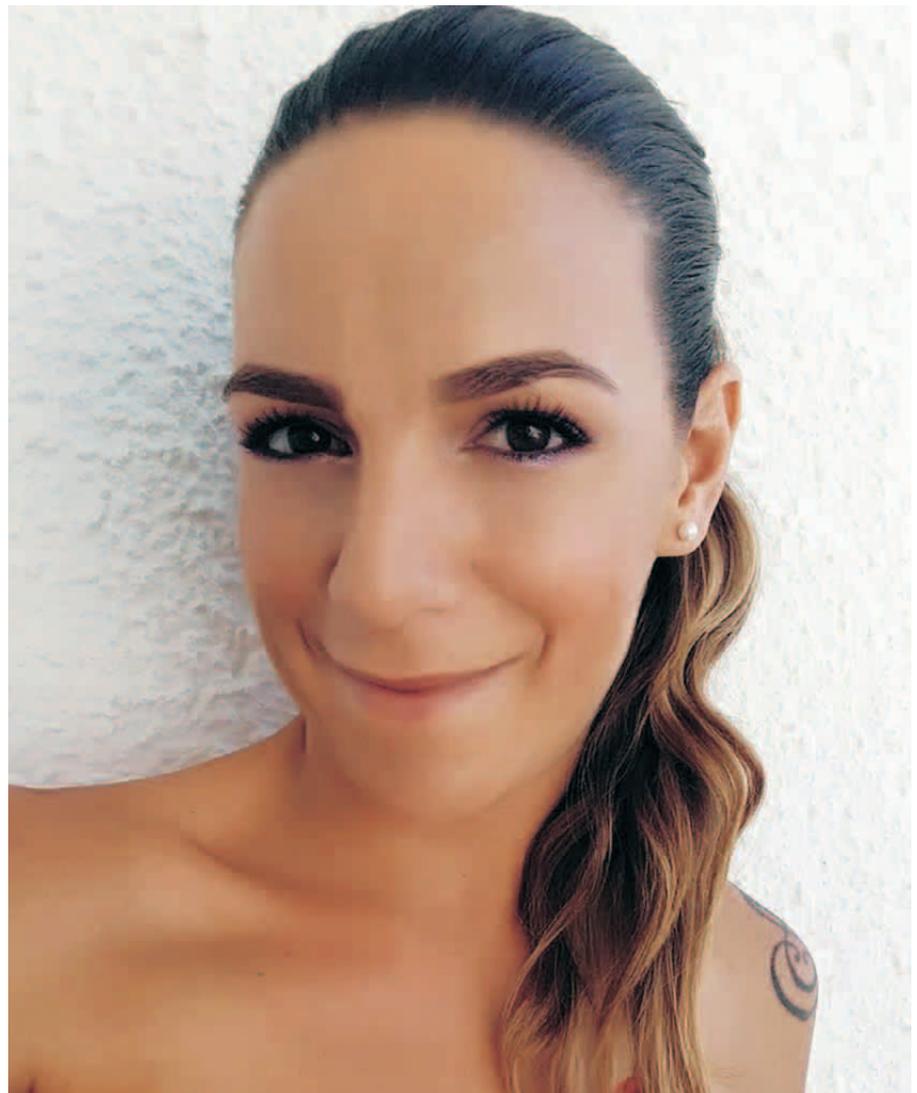
mente, tal como desejava. Ainda que, numa fase inicial, o primeiro Estado de Emergência não o tenha permitido trabalhar no escritório por mais do que um mês, a sua integração correu da melhor forma possível e tanto ele como os colegas tiveram uma adaptação rápida e total ao «novo regime 100% digital».

Ana Sofia Ferreira, Administrativa de Propriedades

Natural de Lagos, aos 36 anos já

passou por várias profissões, desde Rececionista a Administrativa em diversas áreas, trabalhando actualmente como Administrativa de Propriedades. Tem interesse por áreas como Saúde e Beleza, gosta de ler, fazer trabalhos manuais e actividades com os filhos. Há um ano, altura em que nos deparamos com o primeiro confinamento, focou-se em praticar desporto regularmente e em ter uma alimentação mais saudável.

Vários foram os motivos que a fizeram



Uma evolução laboral não antecipada:

Trabalho à distância



mudar de profissão e aceitar o cargo que agora desempenha. Para além de ser uma nova oportunidade, a vontade de fazer algo diferente e de mudar de ambiente juntaram-se ao horário favorável e aos fins-de-semana livres, o que a permite estar mais presente na vida dos filhos e conciliar o seu tempo livre com o deles.

Nunca se imaginou a trabalhar a partir de casa. Tal como para a maioria dos portugueses, também para Ana esta realidade foi inesperada. Assim como Bruno, teve a primeira experiência de teletrabalho no início da pandemia, em 2020, também quando foi decretado o Estado

de Emergência. Voltou a trabalhar presencialmente quando foi autorizada a reabertura dos estabelecimentos, contudo, no final do ano voltou a trabalhar remotamente, mas apenas de forma parcial. Em Janeiro de 2021, com o agravamento da situação epidemiológica em Portugal, tem estado sempre em teletrabalho.

«O maior [desafio] é sem dúvida o facto dos meus filhos terem aulas em casa e ter que interromper o meu trabalho para lhes prestar auxílio»

Reconhece que trabalhar em casa com a presença dos filhos tem sido o maior desafio com que se depara, por acarretar

já algumas adversidades, que, com a presença de três crianças com idades inferiores a 12 anos, em anos escolares diferentes, são acrescidas. As aulas *online* exigem que as crianças realizem trabalhos em que muitas vezes precisam de auxílio, o que leva a que a mãe se veja obrigada a parar a sua actividade profissional de forma a ajudar nas tarefas.

A falta dos amigos e do convívio fora do ambiente familiar foi algo sentido por todos. Ana admite ter sentido mais dificuldade em conciliar o trabalho e a constante vivência com a família no confinamento do ano passado, primeiro contacto com esta experiência que todos tiveram. «Neste segundo [confinamento] já organizei espaços de trabalho e estudo de maneira a que todos conseguíssemos ter alguma organização sem nos atrapalharmos», menciona ao longo da entrevista. A adaptação a esta nova realidade ajudou a que se tornasse cada vez mais acessível dividir o espaço de trabalho com a família, porém continua a existir sempre «refeições para fazer» e «dúvidas para esclarecer», além de uma casa «muito mais desarrumada».

«A falta de espírito de equipa ou de socialização também é algo desafiante»

Vários são os obstáculos no regime de trabalho à distância; a socialização e o trabalho de equipa sofreram mudanças drásticas. A relação entre a empresa e os funcionários tem agora características distintas das anteriores à pandemia, pelo que, para Ana, a empresa deve confiar nos empregados para que estes se sintam confiantes no seu desempenho profissional. Acredita que liberdade de gestão de tempo é importante — desde que as tarefas impostas sejam cumpridas, assim como os prazos delineados pelo

Destaque

Uma evolução laboral não antecipada:

Trabalho à distância

empregador —, pois permite ao empregado trabalhar em condições confortáveis e favoráveis. Porém, aponta o maior gasto nos serviços de electricidade e água em casa como desvantagem de trabalhar remotamente.

Do ponto de vista dos empregadores vê como vantagem a redução de despesas, visto deixar de ser essencial, em várias profissões, financiar espaços físicos para os funcionários desenvolverem a sua actividade. No entanto, reconhece que é fundamental existir apoio e acessibilidade por parte da empresa, tanto a nível de organização como de disponibilidade de recursos. Após reflectir sobre os prós e contras desta nova forma de trabalhar, faz um balanço positivo, tanto para os trabalhadores como para as empresas.

«Um bom profissional remotamente, não terá dificuldade em alcançar objectivos»

Os objectivos profissionais de diversas áreas passam agora a necessitar de uma abordagem diferente para ser atingidos. É possível que trabalhadores da mesma empresa não se conheçam ou apenas se tenham reunido presencialmente um par de vezes, o que exige que novos empregados demonstrem o seu trabalho e eficiência à distância. A entrevistada acredita que não será mais difícil alcançar metas com este novo regime. Na sua perspectiva, apesar de depender da área e empresa, assim como do esforço demonstrado pelo trabalhador, um profissional que cumpra com o que é estipulado e comprove que concretiza o trabalho da melhor forma que lhe é possível, continua a ter a mesma possibilidade que tinha anteriormente para progredir na carreira.

Por fim, a durabilidade do teletrabalho é questionada por muitos, embora não seja ainda possível antecipar se este

regime irá perdurar. Na opinião de Ana, o que tem de menos bom pode ser contornado facilmente: «Por exemplo, relativamente à falta de socialização, de um ambiente/espaço diferente ou falta de alguns recursos, há uma crescente nos espaços de *cowork* [espaços que recebem trabalhadores de várias empresas] em todo o mundo, tendência que ajuda a eliminar estes obstáculos. Nós no Algarve somos de certa forma privilegiados pois podemos sempre almoçar numa esplanada à beira-mar e adiantar algum trabalho sem estarmos confinados a quatro paredes».

Maria Clara Rato, Professora

Natural de Lisboa, mudou-se para Lagos em Dezembro de 1995. Tem 53 anos, é Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas — Variante Estudos Portugueses e Franceses e Mestre em Didáctica da Literatura. Começou a dar aulas em 1989 em Lisboa e arredores e, em 1993, foi colocada na Escola Secundária Poeta António Aleixo, em Portimão. Há 23 anos que é Professora na Escola

Secundária Júlio Dantas.

Os seus passatempos passam por Pilates, loga, leitura, Dança (Sociais e Tango), Canto e viagens. Tem interesse na área da Cultura, Política e Associativismo. Sempre gostou de Línguas e tinha até exemplos na família de pessoas nesta área profissional. A possibilidade de trabalhar com jovens em formação e de acompanhar a educação escolar dos filhos foram factores que a cativaram na escolha da profissão a exercer.

«Nunca me imaginei a trabalhar exclusivamente de casa»

Como professora, a sua actividade profissional nunca passou apenas pela presença na Escola, levar trabalho para casa era já habitual, mas trabalhar exclusivamente a partir de casa foi algo que nunca pensou vir a acontecer. Para Clara, o Ensino à Distância teve início a 16 de Março do ano passado.

Posteriormente, de dia 18 de Maio a 26 de Junho de 2020, esteve em regime misto: os alunos do 12.º ano estavam no regime presencial, enquanto que os do 11.º ano continuavam a ter aulas a partir



Uma evolução laboral não antecipada:

Trabalho à distância



de casa. Em Janeiro voltou ao Ensino à Distância, até à retoma das aulas que se sucedeu a 19 de Abril.

Na sua opinião, esta nova forma de trabalho «não é fácil, pois o lugar dos alunos é na escola e todas as actividades e/ou tarefas são mais morosas». Contudo, como lecciona os anos terminais do Ensino Secundário, acredita que os alunos «já adquiriram um ritmo de trabalho e são mais autónomos», reconhecendo que no 1.º ciclo será «certamente mais difícil».

Este novo regime, proveniente da situação pandémica em que vivemos, apresenta vantagens e desvantagens. Clara aponta como aspectos positivos «a aprendizagem muito rápida de *app's* [aplicações móveis] e plataformas através das quais o Ensino à Distância se desenvolve, quer da parte dos professores quer da parte dos alunos» e afirma que acarreta desvantagens como «a distância, a

falta de proximidade física e a morosidade das actividades».

«A cobertura de rede de internet (...) dificulta a comunicação»

Trabalhar com o Google *Classroom* tem sido um desafio para todos. A Professora crê que colocar actividades nesta plataforma por escrito requer mais exigência do que presencialmente, que apenas seriam explicadas rapidamente em sala de aula. A ligação à Internet é, frequentemente, um obstáculo consoante o local onde os docentes e discentes se encontram, sendo que a rede é mais fraca em Aljezur e Vila do Bispo do que em Lagos, o que dificulta a comunicação.

A distância não a impede de cumprir atribuições profissionais: tem um Programa a seguir e alunos, que irão realizar o Exame de Português do 12.º ano, à sua responsabilidade. Destaca ainda a «capacidade de auto-regulação» do sistema

de Ensino que possui «determinados *timings* como as avaliações intercalares no meio dos períodos e as finais de período». Não considera existir diferença em alcançar objectivos profissionais por parte de professores ou alunos, sendo que o Agrupamento e a Direcção se mantêm a par de todos os desenvolvimentos de ambos. Mencionou que, durante o confinamento deste ano, três alunos participaram na Sessão Distrital do Projecto Parlamento Dos Jovens *online*.

Este novo método requer um ajuste de todos, desde alunos, professores até ao Ministério de Educação. Clara partilhou com a Revista que, desde que teve início o Ensino Remoto, a Escola proporciona acções de formação práticas aos professores para lidar com todas plataformas e *app's* essenciais. O Ministério da Educação enviou também orientações relativas aos procedimentos desta nova forma de Ensino, tanto a nível do uso e recurso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), como da Segurança. No entanto, acrescenta que «só com a prática foi possível adquirir a tranquilidade (possível) neste regime».

«Não me parece que seja para ficar, pois nada substitui o regime presencial»

No seu ponto de vista, esta é uma tendência que não irá permanecer porque não acredita na possibilidade de substituição do regime presencial. Contudo, para o futuro, aborda-se já «ambientes híbridos», a coexistência entre digital e clássico em sala de aula de «forma natural». No que diz respeito a outras profissões, prevê que haverá uma adaptação das empresas a este novo paradigma, «principalmente para aqueles trabalhadores que estão, normalmente, no escritório, numa secretária em

Destaque

Uma evolução laboral não antecipada:

Trabalho à distância

frente a um computador».

Este ano de pandemia tem sido acompanhado por momentos marcantes para todos. Clara destaca as notícias constantes com relatos de mortes, provenientes da Covid-19, em países como Espanha, Itália e Brasil, o que, para si, aumentou o medo de contrair a doença. Assinala também a necessidade de reorganização da família e adaptação, dado que em sua casa vivem dois professores e dois alunos. Assim, tiveram que recorrer a uma selecção de espaços para não colidirem uns com os outros, o que tem sido possível de conciliar.

Serão a produtividade e profissionalismo afectados por este regime de trabalho?

As opiniões dispersam quando se questiona o empenho e aproveitamento de cada um, há quem considere o tempo mais rentável em casa e quem prefira trabalhar num local definido com horários estabelecidos.

Bruno vê-se «bastante mais produtivo» actualmente do que quando se deslocava ao escritório. Na sua opinião, a qualidade de vida é superior, dado que se experiencia «muito menos stress no dia-a-dia», o que contribui para a sua concentração. O profissionalismo é também alvo de debate e, frequentemente, posto em causa neste novo regime. O Agente Financeiro afirma ter conhecimento de relatos, por parte de funcionários de diversas empresas, sobre a existência de tentativas de intromissão na vida privada do trabalhador, com o intuito de averiguar se os colaboradores estão de facto a exercer as suas funções. No seu caso, nunca experienciou este problema.

Neste sentido, mencionou necessariamente a criação de legislação adequada

para colmatar esta situação, assegurar os direitos dos trabalhadores e protegê-los de eventuais «abusos de privacidade» por parte das empresas, uma vez que reconhece que poderão surgir «constrangimentos» derivados do teletrabalho, como por exemplo, despesas acrescidas de electricidade, que numa situação de trabalho normal seriam suportadas pela entidade patronal. Nas suas palavras «as empresas já entenderam que existem muitos benefícios» provenientes desta modernização laboral e que esta tendência pode originar «maior rentabilidade fruto dos menores custos com os escritórios».

Ana considera que a possibilidade de organizar o seu dia tem como consequência uma maior motivação e eficiência: «Acho que o trabalho a partir de casa é bastante mais produtivo, pois consegues gerir o teu tempo e conciliar com outras actividades de que gostas. Consequentemente és uma pessoa mais satisfeita, feliz logo, mais produtiva». Sente-se também mais autónoma e capaz de trabalhar a partir de qualquer lugar em que tenha acesso à Internet. Acredita que em alguns casos o profissionalismo é posto em causa neste regime de trabalho, «algumas vezes por parte dos empregadores e colegas». A seu ver, o desempenho profissional de cada um tem influência na forma como a execução do trabalho é apreciada por parte da equipa e superiores, contudo, pensa que esta questão «é uma tendência que deverá diminuir com o tempo».

Na opinião de **Clara**, a produtividade é, muitas vezes, afectada pelas mudanças a que este período obriga. A Professora reconhece que há alunos que «não se enquadram» e acabam por perder a motivação, mas em contrapartida, o con-

trário também se verifica, alunos que em sala de aula estão sem motivação e à distância «são mais cumpridores e autónomos». No seu caso, admite trabalhar mais horas neste regime, «ultrapassando as horas semanais estipuladas», está sempre no computador, de forma a manter contacto permanente com todos os elementos que compõem a comunidade escolar. Já em relação ao profissionalismo defende que «depende de como se trabalha e com quem se trabalha», na capacidade de organização e cumprimento de prazos.

Um ano atípico sentido por muitos como uma eternidade, onde mudanças radicais deram lugar ao “novo normal”. A esperança de que tudo volte a ser como antes é partilhada e comum, são diversos os aspectos indicados como positivos e negativos, cada profissional faz o seu balanço. Muitos são os que vivem esta realidade e se deparam com desafios todos os dias, nas mais variadas áreas profissionais.

A adopção do regime de teletrabalho é agora «obrigatória», não existindo necessidade de um acordo escrito entre o empregador e o trabalhador. Contudo, é necessário que as funções do trabalhador assim o permitam e que este disponha de condições para as exercer. Caso não seja possível, a empresa deve comunicar por escrito a decisão de revogar o trabalho remoto, esclarecendo que as funções da competência do funcionário não são compatíveis com este regime.

Guia prático “Teletrabalho durante e depois da pandemia da COVID-19”

<https://www.dgert.gov.pt/oit-practical-guide-on-teleworking-during-the-covid-19-pandemic-and-beyond>

PUBLICIDADE

Lagotec

Informática

Assistência Técnica
Hardware
Software
Redes Informáticas
Webdesign

Urb. Marina Sol
Rua Dr. José Francisco Tello Queiróz
Lote 3 - Loja B - 8600-707 Lagos
Tel. 282 788 504 | Tlm. 914 650 100
e-mail: geral@lagotec.pt | www.lagotec.pt



FISIOTERAPIA

Jose M. Marques
Fisioterapeuta

Horário::Segunda a Sexta::8h00 às 13h00::14h30 às 20h00

Rua Brigadeiro Costa Franco (AMEIJEIRA) Lote 5, Loja B
Telef. 282 761 241 Fax 282 789461 LAGOS



AMI 10963

VillasKey

Produção Imobiliária - Real Estate - Immobilien

Para vender, comprar
ou arrendar
contacte a Villas Key!

To sell, buy
or rent
contact Villas Key!

Tlf: +351 282 149 238 | E-mail: info@villaskey.com
Rua Palos de La Frontera, Lt. 8 Loja B, 8600-707 Lagos
www.villaskeyproperty.com

BRICO **MARCHÉ**

Poder fazer tudo Mais barato



Na sequência das medidas do novo estado de emergência informamos que a nossa loja permanece aberta sem restrição de horário durante toda a semana e a cumprir todas as medidas impostas pela DGS.

**ENTREGA AO DOMÍCIO GRÁTIS
EM TODO O CONCELHO DE LAGOS***

*Em compras iguais ou superiores a 100€.



Rua do Bairro da Abrótea
8600-710 Lagos

Telefone: **282 247 320**

Horário:
Todos os dias: **8H30 - 20H30**

Lagos e o Caminho-de-Ferro

uma relação centenária



Estação da CP - Foto de: António Crisógono dos Santos / Domínio Público (anos 20 do século XX)

Um dos meios de transporte e circulação mais importantes de pessoas e bens na História da Humanidade foi — e continua a ser — o comboio e a ferrovia por onde se desloca, ligando aldeias, vilas, campos, cidades, regiões, países e continentes.

Depois de um período da sua vida conturbado e fortemente agitado pelas Guerras Cívicas de 1832-34 e de 1846-47 (Patuleia), Portugal entrou, a partir de 1851, numa nova fase que ficou conhecida como a *Regeneração*, que se caracterizou por alguma estabilidade e desenvolvimento. Nos anos subsequentes, uma das inovações importantes que ocorreu foi a inauguração do caminho-de-ferro, que aconteceu no dia 28 de Outubro de 1856, ligando Lisboa ao Carregado. Inseriu-se nas medidas protagonizadas por Fontes Pereira de Melo e no meio do entusiasmo do jovem Rei D. Pedro V. Progressivamente, ao longo das décadas

seguintes, até ao fim do Século XIX e entrando pelo Século XX, o caminho-de-ferro tornou-se numa realidade que uniu Portugal de Norte a Sul e, também, à Europa.

No caso que aqui nos interessa, de uma parte do nosso Algarve e de Lagos, em particular, o processo recua a esses mesmos anos de Oitocentos, terminado apenas em 1922.

O britânico Joseph William Bleck mostrou interesse em fazer a ligação ferroviária entre Lagos, Vila Nova de Portimão, Lagoa, Silves e Loulé; porém tal intenção não teve efeitos práticos. Seguiram-se os esforços dos Municípios de Lagos e de Vila do Bispo, num gesto que, de certo modo, antecede no tempo o espírito associativo das *Terras do Infante*. No dia 3 de Julho de 1899, o Presidente da Câmara Municipal de Lagos convidou, por ofício, a Câmara Municipal de Vila do Bispo a assinar uma representação en-

dereçada aos Pares do Reino e aos Deputados, pedindo ao Governo o desencadeamento de um processo visando a construção de um porto de abrigo entre Lagos e a Ponta da Piedade e, também, uma linha ferroviária. Esta, deveria partir do referido porto, seguindo pelos vales de Bensafim e de Aljezur, entroncando depois na Linha do Sul, perto de Garvão (Ourique), no Alentejo. A Câmara de Vila do Bispo juntou-se aos esforços, reconhecendo a grande utilidade pública dessas obras e, no dia 18 de Setembro, nomeou seu representante na comissão que, entretanto, se constituiu, Bartolomeu Salazar Moscozo. Contudo, se este plano jamais se realizou, as obras que deram origem ao que ficou conhecido como *Ramal de Lagos* ganharam uma dinâmica importante a partir desse mesmo ano.

No dia 10 de Outubro de 1899, foram concluídos os primeiros 4 quilómetros de via-férrea que ligaram Tunes a

Lagos e o Caminho-de-Ferro

uma relação centenária



Estação da CP - Foto de: Zambrano Gomes / Domínio Público (1931/1932)

Algoz. Seguiu-se a sua extensão até Poço Barreto (19 de Março de 1900), depois a Silves (1 de Fevereiro de 1902) e daí a Portimão (15 de Fevereiro de 1903). Os últimos 17 quilómetros, que ligaram Portimão a Lagos foram concluídos apenas no dia 30 de Julho de 1922. Nesse mesmo dia, às 11h30m, chegou à Estação de Lagos o primeiro comboio, transportando importantes individualidades, como o Presidente do Ministério, os Ministros do Comércio e da Marinha, Senadores e Deputados da região e dirigentes dos Caminhos-de-Ferro, celebrando-se, assim, a obra da responsabilidade do Estado.

O *Ramal de Lagos*, com uma extensão de 45 quilómetros ligou a Linha do Sul à nossa cidade, dispondo de quinze estações e apeadeiros: Tunes, Alvalede, Algoz, Alcantarilha-Praia de Armação de Pêra, Poço Barreto, Silves, Estômbar-Lagoa, Ferragudo-Parchal, Portimão,

Montes-Alvor, Figueira, Mexilhoeira Grande, Odeáxere, Meia Praia e Lagos. Nos nossos dias, os apeadeiros de Alvalede, Montes-Alvor, Figueira e Odeáxere encontram-se suprimidos (este último desde 2003). Porém, a sua existência no passado é bem reveladora da dinâmica populacional e social então existente nessas zonas rurais, que justificou o investimento na sua construção e ligando esses pontos às localidades circundantes, à região e, conseqüentemente, ao resto do país.

Além das referidas estações e apeadeiros, este troço de ferrovia foi possível com a construção de cinco pontes: Mesquita, Portimão, Ribeira da Torre, Ribeira do Farelo e Vale da Lama.

A Estação de Lagos foi projectada pelo Engenheiro António da Conceição Parreira, a 20 de Março do ano de 1900. Cinco anos depois, os estudos referentes à sua localização ficaram concluídos.

Aquando da inauguração (30 de Julho de 1922), a estação era composta pelo edifício de passageiros, pela cocheira das locomotivas e por um bairro para o pessoal. Com o curso dos anos, além do edifício dos passageiros e da cocheira, surgiram as instalações sanitárias, os diversos cais de embarque e desembarque, uma placa giratória, duas casas, um dormitório para pessoal, entre outras estruturas e equipamentos, como um tanque e um reservatório, por exemplo. Depois da apresentação do Projecto de Remodelação (2001) e da conclusão da 1.ª fase do novo edifício (2003), com a abertura deste, em Agosto de 2006, o antigo edifício de passageiros foi encerrado, acabando por ser colocado para venda, juntamente com as instalações sanitárias e a área das antigas linhas em 2019.

A velha Estação Ferroviária de Lagos é um notável edifício, que apesar do seu

Lagos e o Caminho-de-Ferro

uma relação centenária



Estação da CP (arquivo Nova Costa de Oiro - Setembro 2019)

carácter funcional ainda apresenta nobreza, sobriedade e elegância, na sua volumetria, no seu enquadramento e no seu conjunto estrutural e decorativo. Todos esses elementos são visíveis na sua composição rectangular, no seu corpo central de dois pisos e onde sobressai um óculo, também nos seus corpos laterais de um único piso, nas suas portas, janelas e respectivas cercaduras, bem no seu telhado de duas águas.

A toda a volta do edifício sobressai a vasta cercadura de cor predominantemente verde dos seus painéis de Azulejos relevados, primorosamente executados pela Fábrica de Sacavém. Azulejaria da época da *Arte Nova*, de padrões vegetalistas. Quando nos aproximamos deles e os analisamos em pormenor, somos surpreendidos pela sua textura, pelas composições de flores e folhas que formam, pelos vários tons de verde que encontramos, pelas suas cercaduras com

elementos geométricos e pelas suas linhas castanhas de enquadramento. Por outro lado, não menos notável é a cobertura de duas águas e a notável estrutura de ferro, com o seu travejamento e colunas que a sustentam, situada sobre o antigo cais de embarque e desembarque de passageiros (uma solução que, independentemente de outros locais, pode ser encontrada em algumas estações britânicas, como por exemplo, Chepstow, de 1850, Weston-super-Mare, Ross-on-Wye, ou Teignmouth, estas de um período situado entre 1860 e 1899). Por sua vez, nas vertentes exteriores laterais da nossa velha estação, encontram-se lápides de pedra com a designação “Lagos” em letra cursiva, enquanto na fachada interior, voltada às antigas linhas férreas, o nome da cidade permanece em letras maiúsculas relevadas.

Mesmo as velhas instalações sanitárias (muitas vezes designadas formal-

mente por retretes em diversas estações ferroviárias nacionais) apresentam, também, apesar da sua simplicidade, uma elegância estrutural e decorativa. São como que uma representação em escala reduzida do próprio edifício principal (passageiros). São igualmente percorridas, em três faces, por painéis de azulejaria com a mesma temática, obedecem a uma planimetria rectangular, apresentam telhado de quatro águas e janelas protegidas por gradeamentos.

Poucos de nós temos a noção de que as antigas cocheiras, albergam uma Secção Museológica dos Caminhos-de-Ferro Portugueses. Pois, por entre o edifício de planta trapezoidal e a sua notável cobertura, entre antigas peças, ferramentas e memórias, como por exemplo as dos barcos que fizeram a ligação entre o Barreiro e Lisboa, encontram-se, conforme informações constantes na obra “Os Comboios em Portugal”, duas locomotivas a vapor, de

Lagos e o Caminho-de-Ferro

uma relação centenária



A Velha Estação Ferroviária de Lagos (aspecto do antigo cais e linhas)

fabrico inglês, datadas de 1889 e 1891, que serviram na Alfândega do Porto, nas ligações entre Coimbra e a Figueira da Foz e entre Vila Nova de Gaia e Campanhã, respectivamente. Também um Salão Pagador, construído nas Oficinas do Barreiro, em 1929, e uma Carruagem e salão de madeira (para transporte de altas figuras dos Caminhos-de-Ferro) fazem parte do seu acervo. Aliás, a obra, refere-se a esta secção como "...a única memória algarvia da história dos caminhos-de-ferro...".

Algun do material circulante mais emblemático na História da CP (actualmente, *Comboios de Portugal*) serviu neste troço da linha do Algarve, num período cronológico que podemos situar entre as décadas de 1980 e os anos de 2000. Referimo-nos, por exemplo, às locomotivas das Séries 1200 e 1400 e à automotora da Série 0600. Actualmente, na linha do Algarve, entre Vila Real de Santo António e Lagos prestam serviço automotoras

da Série 0450, com a sua característica cor azul nas suas frentes e a coloração própria do metal no corpo da composição (motora e reboque).

Viajar de Comboio é uma das melhores formas de conhecer e penetrar no Portugal interior e profundo das Memórias, num Tempo que já não é Tempo e que apenas existe em alguns vestígios materiais, ou nas experiências e no imaginário de muitas pessoas. Testemunham-no as centenas de estações ferroviárias abandonadas ou encerradas, as linhas que já só conduzem às memórias distantes de um Passado perdido. Se essas estações foram antes pontos de movimento de pessoas, mercadorias, ideias e cultura, lugares de convívio, hoje, a maioria delas (como a velha Estação de Lagos) vive imersa na solidão de um imenso vazio. É importante recordar a importância do *Café da Estação* enquanto lugar de convívio, de compra de bens de apoio às viagens

dos passageiros, como a comida, as bebidas, os jornais, as revistas, os postais, os livros e outros artigos. Importa, também, não esquecer todo o cenário movimentado com o Chefe de Estação com a sua bandeirola ou apito, o pessoal a trabalhar nas linhas, as máquinas em manobras, a chegada e a partida das composições com locomotivas a *Diesel*, ou das automotoras movidas pelo mesmo combustível.

Importa olhar, ainda, para estes espaços e recordar toda a azáfama dos passageiros a sair, ou a entrar nas carruagens, procurando os assentos, arrumando a bagagem, as conversas e o convívio, a apreciação da paisagem à medida que o comboio se movimentava no meio da trepidação e do matraquear do contacto dos rodados com os carris e as travessas. Tudo isso, felizmente, permanece bem vivo e pode ser experimentado ao longo de uma agradável viagem pela ferrovia que liga Lagos a Vila Real de

Lagos e o Caminho-de-Ferro

uma relação centenária



As antigas instalações sanitárias da estação

Santo António, ou a Lisboa.

A Linha do Algarve e, particularmente, o troço entre Tunes e Lagos proporciona um percurso de grande beleza paisagística, entre a serra e o mar, entre a solidão dos campos e os pequenos aglomerados de casario. Sobretudo, quando deixamos Portimão e nos aproximamos da Ria de Alvor o cenário torna-se mais colorido e fascinante, com o enquadramento das terras baixas e do mar. Passando a Ponte do Vale da Lama, somos acompanhados pelo extenso areal da Meia Praia, pela vastidão das águas da Baía, pelo grande cordão de dunas e vegetação arbustiva, pelo velho Forte de São José e apeadeiro da Meia Praia, pelas colinas onde se destacam o casario, unidades hoteleiras, aldeamentos e o campo de Golfe, até que, reduzindo a velocidade, nos deparamos com o magnífico cenário das falésias douradas desde a Ponta da Piedade até à cidade, à sua avenida ribeirinha, aos esta-



Uma automotora da Série 0450 a chegar a Lagos

leiros, à zona portuária e, finalmente, à nova Estação, às suas plataformas e a toda a sua cenografia estrutural contemporânea, verdadeiro palco de partidas e de chegadas e uma importante porta de entrada no extremo Sudoeste do Algarve, servindo os Concelhos de Lagos, de Vila

do Bispo e de Aljezur.

A poucos metros de distância da nova estação, encontramos o espaço onde tudo começou há quase 100 anos, a 30 de Julho de 1922, hoje uma *Estação de Memórias* onde as portas e as janelas estão fechadas, onde do Tempo apenas resta a

Lagos e o Caminho-de-Ferro

uma relação centenária



Um pormenor da bela e expressiva azulejaria da velha estação

cercadura de um relógio vazio, onde já não é possível comprar um livro para tornar a viagem mais agradável, onde os poucos sinais informativos apontam para realidades inexistentes, onde ninguém pernoita no dormitório, onde não há passageiros para parte alguma, onde já não existem carris, nem locomotivas a manobrar. Realidades tão próximas e tão distantes, tão diferentes e tão complementares, simultaneamente. E tudo numa Estação que, em 1970, ganhou o 1.º Prémio da Região Sul no Concurso das Estações Bem Cuidadas e cuja dignidade histórica é bem maior do que a fragilidade do seu actual aspecto exterior.

O presente texto é dedicado à memória do meu saudoso pai, António Carlos de Jesus, com quem vivi momentos mágicos na Estação de Lagos e nas viagens de Comboio que fizemos juntos.

Artur Vieira de Jesus,
Licenciado em História

Fontes e Bibliografia:

- CÂMARA MUNICIPAL DE LAGOS – Placa Interpretativa/Informativa N.º 17, fronteira à Estação Ferroviária de Lagos (Antiga);
- CRUMP, Amyas, “Great Western Railway Architectur in Colour2, Volume 1, Manchester, Crécy Publishing Limited, 2018;
- GARCIA, José Manuel, “Dicionário Essencial de História de Portugal”, Lisboa, Editorial Presença, 2010;
- JESUS, Artur Vieira de, “Vila do Bispo – Lugar de Encontros”, Volume II, Vila do Bispo, Câmara Municipal de Vila do Bispo, 2017;
- PAULA, Rui M., “Lagos, Evolução Urbana e Património”, Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 1992;
- SILVA, José Ribeiro da e RIBEIRO, Manuel, “Os Comboios em Portugal”, Volume V, Lisboa, Terramar, 2008;
- SILVA, José Ribeiro da e RIBEIRO, Manuel, “Os Comboios em Portugal”, Volume V, Lisboa, Terramar, 2009;
- Sistema de Informação para o Património Arquitectónico/Forte de Sacavém Apeadeiro Ferroviário de Odeáxere:
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=32371
Estação Ferroviária de Lagos:
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=32370
- VELOSO, João, “Breve Dicionário da História de Lagos”, Lagos, Loja do Livro, 2006.

Passar a ponte para o comboio



50 - Primitivo acesso à Estação de Caminho de Ferro. É visível a «armação» de madeira que servirá de cofragem à futura ponte, cuja construção está representada na Estampa 51. (anos «20»)

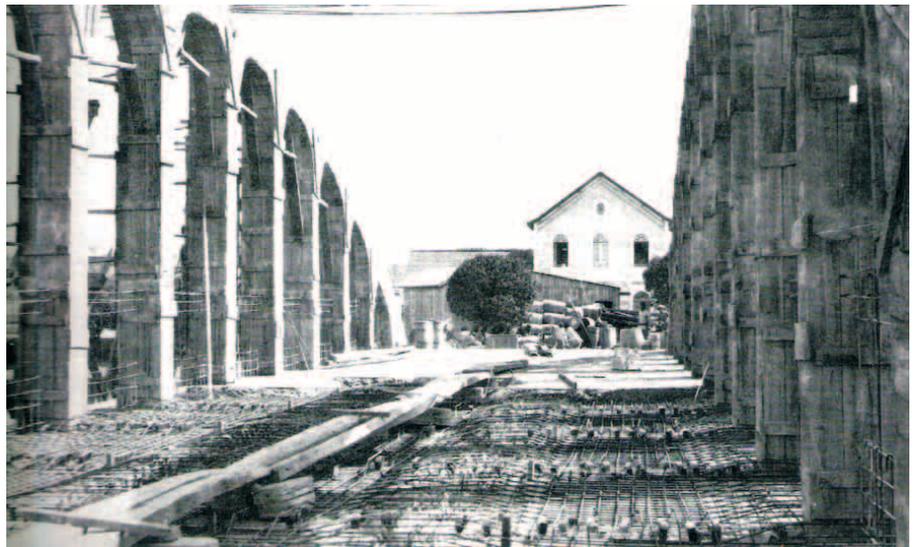
Pela primeira vez desde que a rubrica «Ruas da Nossa Terra» foi dada à estampa pelo nosso saudoso amigo e colaborador Silvestre Marchão Ferro, não nos iremos debruçar sobre uma das artérias de Lagos, nem sobre a origem do respectivo topónimo. Desta vez, iremos destacar uma das três pontes que actualmente permitem a passagem pela Ribeira de Bensafrim, do lado da cidade, rumo ao Sotavento Algarvio e ao Norte do nosso País.

Destas três, recordamos que a mais antiga é a «Ponte D. Maria II», construída em data desconhecida. Esta aparenta ter vestígios de possível construção romana, podendo a estrutura original datar dos séculos III ou IV.

A segunda no tempo foi edificada nos anos 20 do século XX e veio permitir a passagem de peões e de veículos da cidade até à estação ferroviária, que foi inaugurada em Julho de 1922.

A mais recente (próxima da actual esquadra da Polícia de Segurança Pública) foi construída sendo presidente da Câmara Municipal de Lagos José Valentim Rosado.

Recorremos às imagens do livro «Lagos, evolução urbana e património», da autoria do arquitecto Rui Mendes Paula, para a recordar. Na que encima estas páginas, podemos observar o acesso original à Estação de Comboios. O autor aponta-nos o pormenor da «armação» de



51 - Obras de construção da primitiva ponte do caminho de acesso à Estação (anos «20»)



52 - Pormenor do caminho de acesso à Estação de C.F. (anos 20)

Conhecer e visitar

Passar a ponte para o comboio



A antiga estação ferroviária e a respectiva ponte de acesso

madeira que servirá de cofragem à futura ponte», cuja construção está representada na segunda imagem.

Posteriormente, esta veio a ser demolida, para dar origem a uma segunda ponte, mais próxima da Avenida dos Descobrimientos, imagem que, infelizmente, não dispomos em arquivo.

Com a construção da Marina de Lagos em meados/finais dos anos 90 do século XX, a ponte que permitia o acesso de peões e de viaturas, incluindo táxis e autocarros dos transportes locais e regionais, foi removida. Esta deu então origem à actual ponte levadiça, de mero acesso pedonal e a bicicletas a pedal, ou motorizadas, quando não são conduzidas, mas apenas «levadas à mão».

Recordamos, ainda, as várias polémicas e as variadas discussões nos órgãos do Poder Local quanto a esta decisão política que, na prática, veio a «afastar» ainda mais os cidadãos do que po-



Actual ponte levadiça e sem acesso rodoviário à estação de comboios

deria ser um meio de transporte atractivo e sustentável para uma cidade que se pretende ou pretendia ver centrada no turismo.

Ficam as memórias de um espaço e de uma realidade não muito longínqua no tempo, mas que poderão ser desconhecidas de muitos.



Dr^a Luísa R. Marques

**ANALISES
CLÍNICAS**

Horário::Segunda a Sexta::8h00 às 13h00::14h30 às 19h00

**Rua Brigadeiro Costa Franco (AMEIJEIRA) Lote 2, Loja2
Telef. 282 782 817 Fax 282 782 816 LAGOS**

Rua Conselheiro Joaquim Machado, nº 35 Telef. 282 761 242 Lagos

PRETENDE
VENDER OU ARRENDAR
O SEU IMÓVEL?

282 087 152
www.mimosaproperties.com



VENDA
COMPRA
ARRENDAMENTO
MANUTENÇÃO
LIMPEZA

MIMOSA
PROPERTIES



AM3143

ALJEZUR

O CORAÇÃO DA COSTA VICENTINA



aljezur
Município de Aljezur



Cuidamos de si como família.

82 anos de existência - "A cuidar de si como família"

ESPECIALIDADES

Clinica Geral	Medicina Dentária
Dermatologia	Neurologia
Cirurgia Geral	Oftalmologia
Ginecologia/Obstetricia	Cardiologia
Fisiatria	Ortopedia
Neurocirurgia	Medicina Interna
Gastroenterologia	Urologia
Psiquiatria	Podologia
Psicologia Clínica	Pediatria
Cirurgia Pediátrica	Endocrinologia
Alergologia/Pneumologia	Osteopatia
Otorrinolaringologia	Fisioterapia
Nutricionista/Dietista	Terapia da Fala
Enfermagem	Análises Clínicas
Aparelhos Auditivos	Domicílios



PUBLICIDADE
www.alacobrigense.pt

PLANO DE APOIO AO ASSOCIADO ENTREGA AO DOMICILIO DE PRODUTOS FARMACÊUTICOS.

Para mais informações, consulte

WEB - <https://alacobrigense.pt/> * Facebook - a lacobrigense-associação de socorros mútuos
Telf - 282 764 826 (horas de expediente)

R. Prof. Joaquim Alberto Taquelim,
Lote 8, Loja E • 8600-762 Lagos

Telf: +351 282 762 901

R. Dr. José Francisco de Matos Nunes
da Silva, Lt 5, Lj A • 8600-774 Lagos

Telf: +351 282 770 050

ACORDOS e PARCERIAS

Para mais informações, consulte os nossos serviços

- ADSE
- Multicare
- Liga Combatentes
- RedeMut
- ADE-Serviços Odontológicos
- Imagiologia
- Sad/PSP
- ARS Algarve
- SAMS/Quadros
- Advance Care/Wells



Números

Contabilidade & Gestão, Lda

**Rua D. Diogo de Sousa, Lote 21 – C/V Esqª 8600-571
LAGOS**

Telef. 282770190 Fax 282770199

e-mail: nnumeroscontabilidade@gmail.com

Contabilidade, Geral e Analítica | Gestão de Imobilizado | Estudos Económicos |

Salários e Gestão de Pessoal | Consultoria Fiscal |

Apoio à elaboração de Declarações Fiscais Pessoais - IRS

Intermarché

**É a poupar que a gente
se entende**



O biqueirão no mar é anchova na lata



Tenho de admitir que nunca percebi lá muito bem a confusão que se faz entre duas espécies de peixes que são muito vulgares no nosso País: o biqueirão e a anchova (também chamada enchova).

Para quem o possa desconhecer, saiba-se que o biqueirão (*engraulis encrasicolus*, família *Engraulidae*) tem algumas semelhanças com a sardinha, embora seja mais delgado e não tenha escamas como esta.

Já a anchova (*pomatomus saltatrix*, também da família *Engraulidae* - ver Portaria 587/2006 de 22 de Junho) é um predador voraz, de dentes muito afiados, facilmente capaz de cortar um «estralho» de seda. Por essa razão, quando os pescadores a pretendem capturar, recorrem a «estralhos» de aço.

Certamente que os nossos leitores já terão visto em super-mercados umas pequenas latas de conserva de filetes de «anchova», em azeite ou óleo, algumas delas enroladas em alcaparras. Talvez se

possam até ter interrogado por que razão o seu preço possa ser bem superior a 40 euros por quilograma.

Mas, certamente, ter-se-ão questionado, por vezes, que «anchova» é esta que se encontra na lata, após terem olhado para a o rótulo com atenção... É que diz aí que a lata contém: «Biqueirão (peixe), óleo de girassol - ou azeite - e sal). O quê? Então, a lata de filetes de anchovas contém biqueirão e não a dita cuja?

A explicação mais vulgar e mais corrente para este aparente paradoxo é que o processo de trabalhar o peixe biqueirão para o filetar, salgar e colocar na lata se chama «anchovar» (há quem também diga que é «estibar», ou «estivar»).

Embora esta explicação seja insuficiente, ou até mesmo confusa, poderá dizer-se que no prato e no mar o biqueirão passa a ser chamado anchova na lata.

Importa recordar que a história da conserva de «anchovas» está ligada ao industrial italiano Angelo Paródi, uma vez

que foi ele quem iniciou a produção das latas como hoje as conhecemos.

Escutámos o processo de preparação e acondicionamento do biqueirão em lata por quem trabalhou numa das fábricas de conserva de Lagos: primeiro procedia-se à decapitação e evisceração do peixe. Seguidamente, o biqueirão era colocado em latas (ou barricas), em camadas alternadas de sal (a primeira) e de peixe, onde era «prensado» e ficava a maturar mais de um mês (pode ser até quatro ou cinco meses). Posteriormente, a pele era esfregada com «desperdício» de algodão e filetado (eram retiradas a espinha central e as da barriga). Colocado em lata, passava pela «azeiteira», daí seguindo para a máquina que fazia o craqueamento da lata e a da rotulagem.

Fica a receita e os votos de alguma boa-sorte não só para a executar, mas também para conseguir comprar biqueirão num dos mercados lacobrigenses...

Epicuro

De pequenino...

Como vestir o bebé

para passear ao ar livre esta Primavera

Este mês trago um artigo bem prático!

Como vestir o bebé em várias situações é uma dúvida muito comum das recém mães, por isso aqui ficam dicas práticas e valiosas, como mãe de 6 filhos, para que possas desfrutar do ar livre e bom tempo que está a chegar.

Como vestir o bebé recém nascido de acordo com o local e situação:

1 . CASA - Básicos para vestir o recém nascido

Um recém nascido deve vestir normalmente 1 a 2 camadas mais de roupa que o adulto, recomendação da OMS.

Assim, poderás vestir um body e calças interiores, um babygrow (fatinho completo) ou calça a camisola, e dependendo da temperatura ambiente, um casaco.

Atenção sempre às extremidades, pés, mãos e cabeça pois o bebé perde muito calor nessas zonas. Um gorriño e luvas podem fazer sentido.

2. Passear com babywearing

Babywearing é a expressão que se usa para carregar o bebé num porta bebés ergonómico. Pode ser um pano ou uma mochila, mas há muitas mais opções, se quiseres saber mais sobre este tema posso ajudar-te.

Neste caso, para o bebé andar carregado, tens de ter mais atenção à quantidade de roupa.

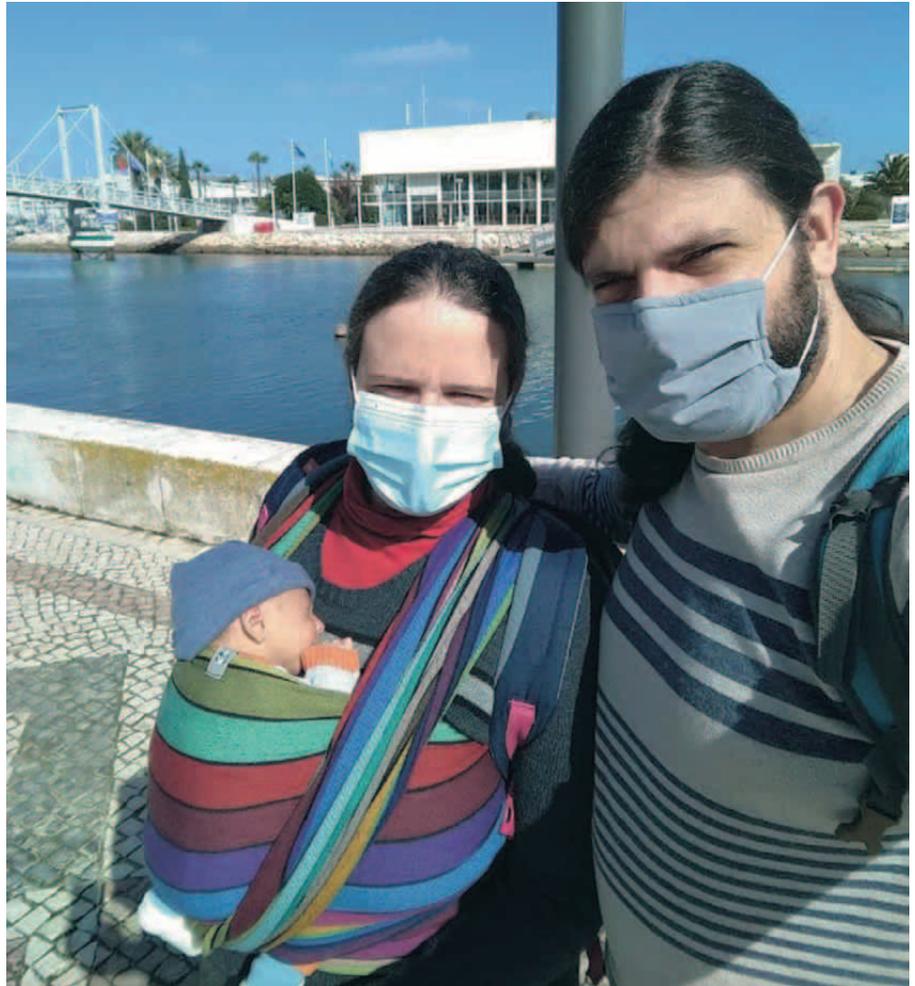
Lembra-te que o bebé vai estar em contacto contigo e vão ser dois corpos a gerar calor.

Opta por menos uma camada de roupa e se estiver fresco podes colocar uma manta, ou uma capa própria só a tapar o bebé.

3. Passear com carrinho

Se usas carrinho de passeio, então debes vestir o bebé como se fosse para estar em casa. 1 ou 2 camadas mais que tu. Como vai estar deitado, podes optar por fatinhos sem botões nas costas, para ser mais confortável.

Veste sempre um casaco e gorro.



Coloca uma mantinha por cima do bebé no carrinho.

Se estiver vento podes colocar a capa de chuva do carrinho, mas atenção que pode fazer efeito de estufa, deixa sempre uma boa abertura.

A minha melhor dica para saídas com

bebés é simplificar, moderar as expectativas e desfrutar.

Pano vendido em www.atealua.pt



Ana Custódio

Site: <https://anacustodio.pt>

Youtube: Ana Custódio

Instagram: Ana Custódio

e-mail: ac@anacustodio.pt

Kit para saídas com recém nascido

- * Uma muda de roupa completa (incluir os interiores)
- * Fraldas e toalhetas (reutilizáveis ou descartáveis)
- * Muda fraldas
- * Mantinha extra (adaptar as quantidades à duração do passeio)

Dia do Trabalhador

Diário de Lisboa



FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

SEGUNDA-FEIRA, 29 DE ABRIL DE 1974 N.º 18443 - ANO 54.º - PREÇO 2550

NORMALIZAÇÃO DA VIDA PORTUGUESA

O 1.º DE MAIO É FERIADO NACIONAL

O Serviço de Informação das Forças Armadas entregou-nos o seguinte decreto-lei que institui, finalmente, o 1.º de Maio como feriado nacional — «Dia do Trabalhador»:

«Tendo a Junta de Salvação Nacional assumido os poderes legislativos que competem ao Governo, decreta, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º: É instituído como feriado nacional obrigatório o dia um de Maio, considerado o «Dia do Trabalhador».

Artigo 2.º: Este diploma entra imediatamente em vigor.

Visto e aprovado pela Junta de Salvação Nacional em 27 de Abril de 1974.»

Assina o decreto-lei o presidente da Junta de Salvação Nacional.

Esta medalha reivindicação constante de todos os movi-

mentos progressistas, tem sido exigida pelos vários movimentos oposicionistas, assim como pelos organismos representativos das classes trabalhadoras. Este dia, como já o manifestou a Junta do Poder, deverá ser consagrado a manifestações populares que passam a ser reconhecidas, devendo obedecer, no entender da mesma Junta, a um regulamento mínimo — aviso prévio com indicação da hora, e ruas a percorrer, constituição de um serviço de ordem, etc.

Tudo leva a crer que na quarta-feira as manifestações populares que se encontram marcadas decorrerão entre as 13 e 19 horas, num percurso compreendido entre a Alameda D. Afonso Henriques e a Av. Rio de Janeiro e o Saldanha e o Terreiro do Paço.



Celebra-se anualmente (em Portugal, em Liberdade e após a Revolução de 25 de Abril de 1974), o 1.º de Maio, o «Dia do Trabalhador». Esta efeméride evoca os acontecimentos que tiveram lugar na cidade de Chicago, nos Estados Unidos da América, no 1.º de Maio de 1886.

Nesse dia, mais de 500 mil trabalhadores saíram às ruas, numa manifestação pacífica, e reivindicaram a redução da jornada de trabalho para 8 horas. Quando a polícia tentou dispersar essa manifestação, feriu e matou dezenas de operários.

Entre 28 de Maio de 1926, data em que ocorreu um golpe militar que instaurou a ditadura em Portugal e a Revolução de 25 de Abril de 1974 que lhe pôs fim, esta efeméride não podia ser nem celebrada, nem assinalada no nosso País.

Em 27 de Abril de 1974, a Junta de

Salvação Nacional decretou «para valer como lei o seguinte:

Artigo 1.º: É instituído como feriado nacional obrigatório o dia um de Maio, considerado o «Dia do Trabalhador».

Artigo 2.º: Este diploma entra imediatamente em vigor.

Lê-se no já extinto jornal «Diário de Lisboa» de 29 de Abril de 1974 (imagem que reproduzimos) que esta «reivindicação constante de todos os movimentos progressistas, tem sido exigida pelos vários movimentos oposicionistas, assim como pelos organismos representativos das classes trabalhadoras».

Em Lisboa, cerca de um milhão de pessoas oriundas de todo o País concentraram-se na Alameda Dom Afonso Henriques, que tinha sido o local escolhido pelos 23 sindicatos que convocaram esta manifestação.

Mário Soares (Secretário-Geral do

Partido Socialista) e Álvaro Cunhal (secretário-Geral do Partido Comunista Português), entretanto regressados do exílio, discursaram à multidão no Estádio da FNAT (Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho), entretanto baptizado como o Estádio Primeiro de Maio, na Avenida Rio de Janeiro. Enquanto viveram e exerceram cargos políticos, Soares e Cunhal nunca mais voltariam a celebrar esta data em conjunto.

Desconhecidos beijavam-se e abraçavam-se, e fazendo o V da vitória com os dedos indicadores e médio, gritavam bem alto as suas reivindicações: «O povo unido jamais será vencido!», «As nossas armas são as flores», «A poesia está na rua», «Direito de voto aos 18 anos», «Julgamento público dos criminosos fascistas», «Fim da guerra colonial», «Salário mínimo nacional» ou «Não paguem o aumento dos telefones».

Ouvidos, para que vos quero

A nossa música no SPOTIFY



Nome

Nova Costa de Oiro - Maio 2021

Descrição

As escolhas musicais da Nova Costa de Oiro, de Maio de 2021

A nossa playlist de Maio de 2021 (Maio das flores e dos trabalhadores)

Maio é o quinto mês do Calendário Gregoriano. Este nome poderá ter tido origem em *Maius* (magnus) Júpiter ou, então, vir da deusa romana Maia, também conhecida como Bona Dea, Deusa da terra e das flores, responsável pelo crescimento das plantas nascidas na Primavera. Curiosamente, no Calendário Revolucionário Francês, de 1792, durante o período revolucionário para simbolizar a quebra com a ordem antiga e o início de uma nova era na história da França e do renascimento e que se baseava no ciclo da natureza, os meses que compreendiam eram *Floreal* e *Prairial*.

Na nossa selecção musical, evocamos o Maio das flores, das rosas, das margaridas e das papoilas, com reconhecidos intérpretes e criadores musicais, como o norte-americano Pete Seeger, o brasileiro Ney Matogrosso e os portugueses Camané, Banda do Casaco, Cristina Branco, Madredeus, Sétima Legião, Heróis do Mar, João Balula Cid e Pedro Jóia.

Em Maio celebra-se também o Dia do Trabalhador. Por essa razão, trazemos músicas relacionadas com a actividade sindical e o trabalho, com peças de Fernando Lopes Graça, Carlos Paredes, Sérgio Godinho ou Mário Laginha.

- 01 – Living In The Country – Pete Seeger
- 02 – Where Have All The Flowers Gone? – Pete Seeger
- 03 – A Rosa – Rancho de Cantadores da Aldeia Nova de São Bento
- 04 – Rosa de Hiroshima – Ney Matogrosso
- 05 – Senhora das Rosas – Sétima Legião
- 06 – Where The Wild Flowers Grow – Nick Cave & The Bad Seeds
- 07 – Kiss From a Rose – Seal
- 08 – Desert Rosa – Sting & Cheb Mami
- 09 – A Guerra das Rosas – Camané
- 10 – Margarida – Cristina Branco
- 11 – Olá Margarida – Banda do Casaco
- 12 – Magia Papoila – Heróis do Mar
- 13 – Cantigas do Maio – Pedro Jóia
- 14 – Maio, Maduro Maio – Madredeus
- 15 – Maio, Maduro Maio – João Balula Cid
- 16 – There is Power In a Union – Billy Bragg
- 17 – Workers Of The World Unite! – The Last Internationale
- 18 – Talking Hard Work – Woody Guthrie
- 19 – Talking Union – Pat Foster & Dick Weissman
- 20 – We Have Fed You For a Thousand Years – Folk This!
- 21 – Fight That Line – Joe Glazer
- 22 – Union Maid – The Vanaver Caravan
- 23 – Worker's Song – Dick Gaughan
- 24 – Que Força É Essa – Sérgio Godinho
- 25 – Canto De Trabalho – Carlos Paredes
- 26 – Acordai! (Lopes Graça / José Gomes Ferreira) – Manifesto
- 27 – Hino da Intersindical – Sindicato dos Mineiros de Aljustrel
- 28 – Internacional – Mário Laginha
- 29 – The Internationale – Billy Bragg
- 30 – The Internationale – Alistair Hulett

Clique para escutar: https://open.spotify.com/playlist/3iDP9xc5zDHrrQv8l6FI24?si=eoL0bP0ZQn-zJHglIaB_Xg



José Francisco Rosa

A Nova Costa de Oiro tem o grato prazer e a honra de publicar em exclusivo algumas memórias de um lacobrigense de 97 anos, compiladas em trabalho de circulação restrita. Este é um revisitar de Lagos em décadas passadas, de traquinices e tropelias. Mas, e acima de tudo, é um importante registo histórico, que pode e deve servir para memória futura.

O seu autor é José Francisco Rosa, nascido em Lagos, a 21 de Fevereiro de 1924 e que completou os seus estudos em Lisboa, tendo ingressado no ensino aos 20 anos, como Mestre do Ensino Técnico Profissional.



Rua dos Moinhos



A Rua de Santo Amaro (Rua dos Moinhos, assim designada pela miudagem)

Saindo do Largo da Henriqueta, logo à esquerda entrava-se na Rua dos Moinhos, assim designada pela miudagem por existirem nela dois moinhos, um deles já em ruínas.

Subindo a rua, contornava-se a casa dos pais do Romeu, passava-se pela

porta de um quintal onde o sr. Valentão criava os porcos, visto ser negociante dos mesmos; seguindo-se a casa do sr. Manuel da Venda, Guarda Nacional Republicano, que tinha dois filhos e uma filha.

Mesmo defronte da sua casa existia um moinho em ruínas e um pequeno lar-

go que os miúdos aproveitavam para os seus jogos de futebol e onde numa certa ocasião assisti à debulha de trigo.

Passado o largo do moinho e andando em frente, no nosso lado esquerdo encontrava-se uma fábrica de guano para adubar as terras. No lado direito, a horta que

«Quando eu era Criança»

Rua dos Moinhos

penso que seria do sr. César ou, então, seria arrendada (não tenho a certeza).

A horta estava um pouco degradada, mas a garotada, nos seus intervalos de jogos de bola, aproveitava para ir apanhar amêndoas nas várias amendoeiras

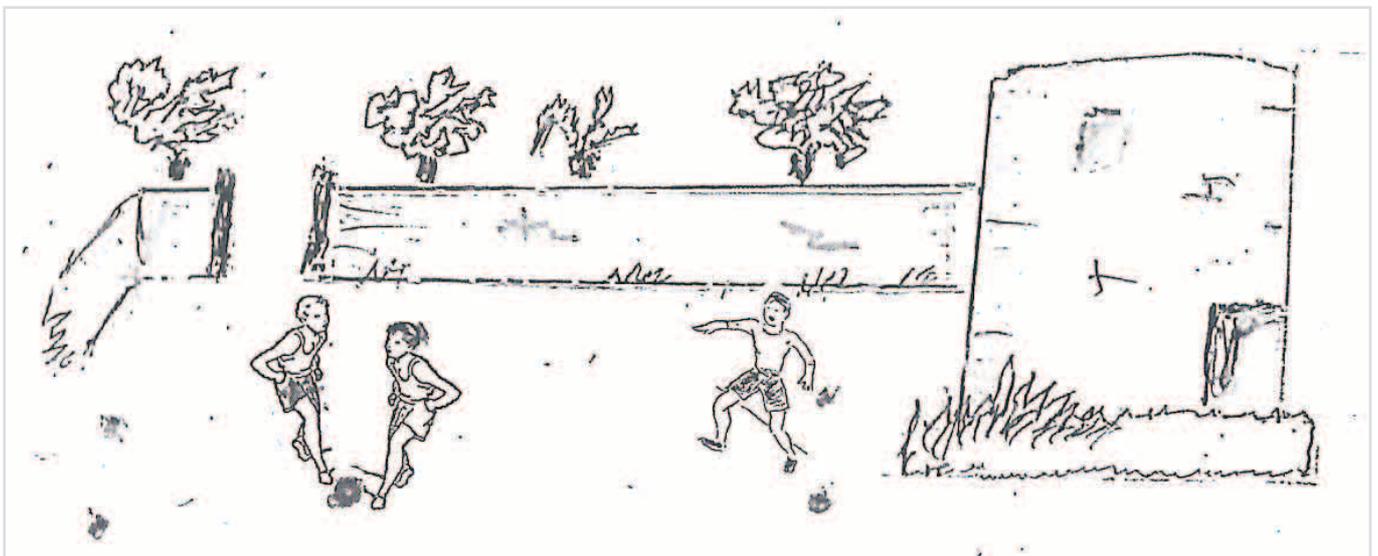
que ela continha, para as comer, com grande arrelia do sr. César.

Também possuía muitos cactos, repletos de caracóis e ainda espargos, que o meu amigo José Valentão apanhava para vender numa pensão.

Mais adiante, a caminho de Santo Amaro lá estava o moinho do Hospital Velho ainda a funcionar. Santo Amaro já ficava distante da minha casa e, enquanto garoto, nunca passei para além dos moinhos.

José Francisco Rosa

O jogo da bola



A melhor de todas as brincadeiras era, sem dúvida, o jogo da bola.

Jogávamos junto ao moinho velho que ainda existia na rua dos Moinhos, sendo a bola feita com uma meia velha ou nova, dependendo de quem a arranjava, cheia de trapos e jornais, de forma a que ficasse bem rijinha.

Alguns pais ficaram com peúgas ou meias desirmanadas, pois era o material necessário para executar uma bola caseira, embora já houvesse umas de coiro, a que chamávamos de “catechu” e que eram vendidas nas mercearias como 1º prémio de umas colecções de rebuçados com as figuras de jogadores de futebol.

Só que os merceiros retiravam o rebuçado com o prémio principal “a bola de coiro”, só o colocando no frasco quando já só tinham alguns rebuçados para vender.

Dois rebuçados custavam 10 centavos, ou seja, um tostão e tostões eram poucos ou nenhuns quem os possuía.

Como não conseguíamos juntar dinheiro suficiente para comprar os rebuçados onde se encontrava o 1º prémio “a bola de catechu”, a bola de trapos era o melhor que se podia arranjar.

De tempos a tempos, conseguíamos uma bola bem saltitona, a bexiga de um porco.

Quando ouvíamos os grunhidos dos porcos vindos do matadouro, imediatamente corríamos para o seu portão, pedindo aos magarefes que nos dessem a bexiga do porco, sendo geralmente atendidos.

De facto, aquilo era um pouco enjoento, tendo de ser bem lavada e en-

chida de ar e, se não houvesse uma bomba de ar de bicicleta, tinha mesmo de ser enchida com os nossos lábios, mas era assim...

Embora não fosse redondinha, saltava que se fartava, apanhando muitos chutos.

- Quantos jogos fizemos?...

- Quantos golos introduzimos nas balizas que, em certas ocasiões, não tinham guarda-redes por o grupo ser pequeno?...

- Quantos pontapés apanhámos nas nossa canelas?...

Eram um fartote!...

Mas brincávamos até nos cansarmos e aborrecermos e escolhermos outra brincadeira mais calma.

Eu e o Chico, o meu inseparável companheiro, íamos jogar o jogo do Manecas para junto da Igreja as Senhora da Glória e quartel da Guarda Nacional Republicana.

José Francisco Rosa

Intermarché

JUNTOS PELO MELHOR E MAIS BARATO

**LAGOS (AMEIJEIRA E AVENIDA),
ALJEZUR E ALVOR**

**É a poupar
que a gente
se entende**



www.intermarche.pt

